

La Revolución de Mayo, crônica dramática

Cosas curiosas se ven en las revoluciones de un estado

Juan Manuel Beruti

3.1

Uma peça entre dois rios

Em 1960, por decorrência do aniversário de 150 anos da “*gran efemérides pátria*”, o Conselho Deliberativo da Cidade de Buenos Aires decide comemorar a data com a publicação de *La Revolución de Mayo, crônica dramática*. Na apresentação desta edição (usada como referência nessa pesquisa), há uma referência àquela lançada pelo *Instituto de Literatura Argentina* em 1925, e a seguinte ressalva: o texto é mantido fiel ao original, com a mesma ortografia, sem as diferenças encontradas entre a primeira e a segunda edição. Tal informação torna-se relevante ao possibilitar um estudo do texto através de chaves como, análise do discurso político e o vocabulário da época, uma vez que o significado e a dimensão das palavras tomam outras proporções conforme recuamos ou avançamos no tempo passado.

La Revolución de Mayo foi publicado pela primeira vez em meados de Maio de 1839, em Montevideú, na *Revista del Plata*. Dias antes, no mesmo periódico, é divulgada uma nota prévia, a fim de justificar a escolha do estilo narrativo e a qual público, especificamente, o autor dirige seu discurso. Alberdi pretende ilustrar acontecimentos históricos de maneira “exata” através de uma crônica, o que atesta o papel didático e não necessariamente fictício dos textos literários produzidos na primeira metade do oitocentos. O “*pueblo*” citado é a população urbana de modo geral, contando com setores aparentemente segredados

(no âmbito da cidadania): mulheres e crianças que, por serem dotadas de um nível de instrução não letrado, necessitariam de uma linguagem específica e resumida:

En momentos en que se trata de renovar los principios, las tradiciones, los nombres, los recuerdos de la Revolución de Mayo, hemos creído deber franquear nuestras columnas, y hemos hecho con el mayor gusto, á una Crónica dramática de los días 24 y 25. (...) Con propiedad se llama una crónica, porque es la narración exacta, puesta en boca de los personajes históricos, de todas las ocurriencias que tuvieron lugar en aquellos dos días famosos. No podría escribirse la historia de los hechos de Mayo en forma más accesible, más adecuada á la capacidad de todos. Es el modo de que las mujeres mismas, los niños y hasta las gentes más limitadas del pueblo, lleguen á formarse una idea exacta de los hombres (...) que figuraran en aquel acontecimiento gigantesco.¹

Do que se trataram esses “momentos”? Alberdi estava, então, há pouco mais de um ano no exílio em Montevideú, que se encontrava em uma delicada posição, devido ao temor de uma invasão argentina, por parte das tropas rosistas. De outro lado, as tensões no Império do Brasil também geravam alguma insegurança no cenário sul americano. A capital uruguaia foi descrita por José Rodriguez como um “*refugio de desterrados, ya se preparaba pra ser lo que Dumas o Pacheco y Obes llamarían ‘nueva Tróia’, y Garibaldi denominaría ‘ciudad de los milagros’*”². A cidade estava então sitiada pelas forças de Manuel Oribe, presidente da Banda Oriental, e pelo exército da Confederação Argentina. Nesse período Florencio Varela publicou a obra *Sobre la convencion de 29 de Octubre de 1840, desarrollo y desenlace de a cuestion francesa en el Río de la Plata*, e, na advertência que antecede o texto, indicava uma tentativa de mobilização: “*Las pájinas que van á leerse no hablan solamente con los Pueblos del Plata, sinó com todas as Repúblicas Americanas*”³.

A alcunha de “nova Tróia” – no contexto da Guerra Grande (1839-1852)⁴ – é recorrente em alguns autores, tanto daquela época quanto atuais, e pretende

¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución de Mayo, crónica dramática*. Buenos Aires: Establecimientos Gráficos Platt, 1960, p. 9-10.

² RODRIGUEZ, José Pereira. Estampa y identificación del Certamen Poético de 1841. In: *Certamen Poético*. Montevideo, 25 de Mayo de 1841. Reimpresión textual realizada por la Comision Municipal. Montevideú: Imprenta Constitucional de P. P. Olave, 1941, p. 9.

³ VARELA, Florencio. *Sobre la convencion de 29 de Octubre de 1840, desarrollo y desenlace de a cuestion francesa en el Río de la Plata*. Montevideo: Imprenta de la Caridad, 1840.

⁴ Este conflito teve início em 1839, quando Rivera declarou guerra a Rosas, além disso, contou com o apoio brasileiro e teve fim com a Batalha de Monte Caseros. Para maiores informações, ver: TITÁRA, Ladislau dos Santos. *Memorias do Grande Exercito Aliado Libertador do Sul da América na Guerra de 1851 – 1852, contra os tyranos do Prata*. Rio Grande do Sul: Typographia de B. Berline, 1852; e LAMAS, Andre. *Apuntes Históricos sobre las agreciones del dictador*

retratar a imagem de uma cidade forte, porém, sob constante ataque. Esse clima de tensão pode ser observado nas páginas dos jornais que circulavam em Montevideu, como na seção de “Assuntos Estrangeiros” do *El Nacional*, no período entre maio e agosto de 1839, na qual figuram pequenos artigos sobre levantes em Pernambuco e no Maranhão, além de notas sobre uma situação tensa entre Goiás e Cuiabá.

A história do Uruguai no século XIX é marcada pela relação (muitas vezes conflituosa) com duas grandes potências vizinhas, Brasil e Argentina – como, por exemplo, a Guerra da Cisplatina (1825 – 1828). Além disso, o país que a princípio foi batizado de “República Oriental do Uruguai” e muitas vezes chamado simplesmente de “Banda Oriental” – em função de uma denominação colonial que usava como referência geográfica o Rio da Prata – entrou em diversos conflitos no período no qual buscava consolidar sua independência. Montevideu recebeu desde os exilados políticos de Rosas, até refugiados da Revolução Farroupilha, transformando-se em uma miscelânea cultural em difíceis tempos de guerra. De acordo com Francisco Doratioto, “a intervenção de Rosas na Guerra Civil Uruguiaia, em apoio aos *blancos* contra os *colorados*, não era bem vista pelo Império do Brasil, que temia pela independência da República Oriental do Uruguai”⁵. Em outro artigo do *El Nacional*, sobre um levante em Entre-Ríos, com o General Urquiza, o temor de uma invasão por parte de Buenos Aires, fica explícito, e há também uma crítica à postura do Brasil em relação ao embate⁶.

O artigo faz menção ao tratado que fundamentou a independência uruguiaia, apelando para uma de suas bases: a garantia de que tanto o Império quanto a República das Províncias Unidas, zelariam pela independência de

argentino D. Juan Manuel Rosas contra la independencia contra la República Oriental del Uruguay. Montevideu: Imprenta Hispano-Americana, 1849. e MATHIAS, Suzeley Kalil; VALES, Tiago Pedro. O militarismo no Uruguai. *História*, vol.29 no.2 Franca Dec. 2010.

⁵ Ver: DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 26.

⁶ “El Nacional”, 23 de agosto de 1839, p 2, disponível para consulta no arquivo da Biblioteca Nacional da Argentina. Acerca do tratado citado no artigo, a “Convenção Preliminar de Paz” entre o Império do Brasil e a República das Províncias Unidas do Rio da Prata, assinado em 1828 e mediado pela Grã-Bretanha, há um interessante comentário de um intelectual brasileiro, Rodrigo Octavio (1866 – 1944): “As Convenções pactuadas entre o Brasil e a Republica das Provincias Unidas do Prata e assignadas, no Rio de janeiro, em 24 de maio de 1827 e 27 de agosto de 1828, contradictorias no seu dispositivo, pois a de 1827 reconhecia e proclamava a incorporação da Provincia Cisplatina ao Imperio, e a do anno seguinte desfazia essa incorporação e próclamava a independencia do Estado Oriental, podem ser vistas como a representação material do estado de insegurança de propositos que dominava então o espirito dos dois paizes”.Ver: MENESES, Rodrigo Octavio de Langgaard. *As Convenções de Paz de 1827 e 1828: Brasil e Argentina*. Rio de Janeiro: Typographia do Anuario do Brasil, 1929, p. 5.

Montevideo. Na peça *La Revolución de Mayo* Alberdi escreve uma dedicatória “aos Republicanos do Rio Grande”, na qual tece uma grave crítica aos países que ignoravam a aparição de uma república em pleno território de regime monárquico. É possível que naquele 1839, em função das tensões políticas enfrentadas pela Banda Oriental, os *farrapos* tenham sido tratados pelas autoridades e intelectuais platinos, como desejava o governo brasileiro: um bando de rebeldes que seriam rapidamente sufocados.

De modo muito similar ao que ocorreu no processo de consolidação da Confederação Argentina, a Banda Oriental atravessou inúmeros conflitos internos, geralmente com influência – ou mesmo participação direta – de forças estrangeiras. Ao mesmo tempo em que a Banda Oriental encontrava-se em fogo cruzado entre *blancos* e *colorados*, contando com canhões franceses e tropas rosistas, Buenos Aires era assolada pela repressão e censura do governador Juan Manuel de Rosas e, no Rio Grande, eclodiu uma rebelião que, progressivamente ganha traços separatistas e um discurso cada vez mais republicano.

Na peça que escreveu em 1839, Alberdi relatou especificamente os acontecimentos imediatamente anteriores à Revolução de 1810: a conspiração e as ações revolucionárias. Ao longo das falas é perceptível a polissemia de alguns conceitos chave para o pensamento político do oitocentos, como “república”, “pátria” e “povo”; esses termos aparecem com sentidos diversos, dependendo do orador. Assim, a análise de tal vocabulário, combinada a de outras produções contemporâneas, permite mapear de que maneira os homens letrados daquela sociedade pretendiam informar àqueles que tinham acesso aos periódicos, acerca dos fatos passados e das possíveis lições que esses trariam.

Para esses intelectuais era fundamental instruir a “população” a fim de que se afirmasse a “revolução” não somente como marco fundador de uma “nação”, mas também como exemplo para outras possíveis experiências revolucionárias no continente americano. A confecção de um material da natureza de uma peça, acerca de um importante evento nacional, pode ser considerada como uma contribuição ao esforço de consolidação da literatura e da identidade nacional. Além disso, um dos aspectos que ressalta o caráter didático na publicação desse material é a própria estrutura do texto, pois uma crônica publicada em um periódico sob a forma de peça teatral otimiza a divulgação de seu conteúdo ao mais diverso público, englobando aqueles que não faziam arte da elite letrada, na

medida em que sua leitura é simples e não exige do leitor avançado grau de letramento. É interessante enfatizar a especificidade do estilo narrativo do texto, bem como a ideia de elaborá-lo em linguagem simples para melhor divulgá-lo e para que ele fosse de fato compreendido pela população.

Outro fator que deve ser levado em conta é o alto nível de analfabetismo na América de princípios do século XIX: era bastante comum a prática de uma leitura pública, onde um orador transmitia as notícias publicadas nos jornais, assim sendo, a encenação de uma peça, ainda que ocorresse de maneira improvisada, poderia transformar-se em um evento de sucesso. Apesar de tratar-se de uma sociedade letrada, ou seja, aquela na qual a escrita é uma importante fonte de legitimação, chama a atenção a figura do “ledor”. Responsável por decifrar os códigos letrados e simbólicos para aqueles que não os dominavam, cumpria importante papel de divulgação e afirmação dos discursos e debates travados em tal cenário.

Os acontecimentos de outrora no *Rio da Prata*, agora tomavam lugar no *Rio Grande*, aproximando as duas geografias de águas doces agora também com aspectos políticos e culturais. Ora se não eram, desde então, “rios” revolucionários e republicanos, “libertadores” e “patrióticos”? Mas, sobretudo, tratava-se de águas e terras “americanas”, *hermanadas* por aspirações sediciosas, ligadas por uma peça teatral dramática.

A existência de “revolucionários do Rio Grande” significava, para o autor, que a despeito de a revolução no Rio da Prata não ter proporcionado as mudanças pretendidas, ainda havia uma esperança, uma possibilidade de, em conjunto, consolidar as “revoluções americanas” e para isso, o “povo” deveria ser educado, pois, em artigo publicado na mesma época de *La Revolución*, Alberdi afirma que:

*El antiguo régimen es, nuestras costumbres inertes, egoistas, oscuras supersticiones, nuestra falta de creencias uniformes y nuevas, nuestra falta de luces nuevas, de espíritu comun, de habilidad, de libertad y de republicanismo. A la educación publica compite restituir costumbres nuevas, creencias nuevas, luces nuevas, tendencias nuevas. A la educación publica compite la consumacion de la revolucion americana, que, hasta aquí, está en principios.*⁷

⁷ ALBERDI, Juan Bautista. Escritos Póstumos, Volume XIII, op. cit. p. 170 – 171.

O texto original divide-se em quatro partes (*La Oposición, La Conspiración, La Revolución e La Restauración*), das quais são publicadas a segunda e a terceira, sob o argumento de que essas seriam “*más apropiadas al momento*” e que as outras são de “*interés más apasionado y más personal*”⁸. Com tal posicionamento o autor deixa claro o cunho político que pretende dar a obra; o subtítulo indica tratar-se de uma *Crônica* por ser o relato de fatos reais, baseados em memórias e atas, *Dramática* por basear-se, também, na tradição popular através dos relatos e da memória do “povo”.

A peça possibilita uma gama de abordagens e tratamentos diferenciados, revelando dessa forma, um meio de compreender determinadas linguagens e idiomas daquela época. Dentro desse caráter político e pedagógico há o objetivo de fomentar uma “consciência patriótica” em todas as camadas da população⁹. Um exemplo disso é o termo ‘pátria’ presente inúmeras vezes ao longo do texto, no momento da conspiração dentro da fala dos protagonistas: “*Paso – Los conflictos sieguen, y los peligros de la Patria son hoy tanto mas terribles cuanto que existe La aprenia de que ella há obtenido una victoria.*” como no momento da consagração, na fala de *El Pueblo*: “*viva La pátria*”¹⁰.

Retomando um ponto abordado anteriormente, deve-se ressaltar que na edição utilizada, ao final do segundo ato há uma extensa nota através da qual Alberdi, aparentemente, responde a uma série de críticas feitas a peça. Este texto foi publicado pouco depois dos dois atos e, dentre os interessantes elementos que contém, estão as fontes que o autor elencou para elaborar uma história verossímil. São elas, as Atas Capitulares “dos dias de Maio”, as memórias de Mariano Moreno, Dean Funes, Saavedra, os jornais de época, “distintos escritos soltos acerca do assunto”, e também, com parcimônia, testemunhos verbais; a porção histórica foi colhida “quase literalmente” dessa documentação.

As críticas da peça, fosse através de missivas pessoais endereçadas ao autor, fossem em pequenos artigos publicados na já existente seção de cartas dos leitores, foram bastante duras para que Alberdi iniciasse a nota sob tom romântico e dramático:

⁸ Id. *La Revolución*, op. cit. 9

⁹ FRADKIN, Raúl e GELMAN, Jorge. *Doscientos años pensando la Revolución de Mayo*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2010, p. 172.

¹⁰ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 21 e 105.

*Se ha considerado como poco respectuoso á la Revolucion de Mayo y á sus grandes hombres, el que se les haya tratado en las formas ligeras del drama. (...) La gloria humana es así, á creer en el testimonio de los hombres gloriosos, embarazosa, rodeada de sinsabores, de profanaciones, de irreverências, las mas veces inocentes. (Se puede hacer caricaturas de Mayo sin ofensa, como se puede parodiar el cielo sin suceso.*¹¹

O *El Nacional* contava com uma parte de seu conteúdo destinada a divulgar a opinião dos leitores, mas principalmente, a fomentar debates trazendo a tona o nome de outros periódicos, no sentido de apontarem comparações entre os editoriais ou mesmo no modo como determinado autor se posicionara em dado assunto. Como é notório a partir da citação acima, Alberdi se antecedeu a possíveis comentários pejorativos – que poderiam aparecer no mesmo jornal – para alertar que, antes de ser feita qualquer crítica à parte histórica da crônica, o leitor tivesse o mesmo trabalho que ele teve de consultar as fontes.

De acordo com suas próprias palavras, a escolha da crônica como estilo narrativo ocorreu por que Alberdi acreditava que, para retratar a Revolução de 1810, faltava um trabalho “*de realidad y de fantasía como esa multitud de romances y dramas*”, como os que eram oferecidos pela literatura de então. Da peça não se tem qualquer notícia se foi encenada, e aparentemente, devido a seu texto demasiado complexo, dificilmente tenha sido. O gênero teatral até então não havia sido utilizado pelo jovem tucumano que em sua defesa afirma: “*no diremos una palabra de las violaciones Del arte dramático que se cometen en esta Crónica. Lo habremos dicho todo con advertir que no conocemos una sola regla de poética teatral*”¹².

Alberdi deixa claro que a intenção do texto é a de alertar que o movimento iniciado em Maio de 1810 está em pleno andamento, que ele foi mais uma profecia do que uma conquista, uma vez que a liberdade “*es hasta hoy una promesa, la igualdad una esperanza, la nacionalidad un deseo*”. Assim, a peça afigura-se como um lembrete de que ainda há muito por realizar a caminho do que o autor acredita ser a “*evolução do homem da História*”¹³.

¹¹ Ibid. p. 125 – 127.

¹² Ibid., p. 126 e 128.

¹³ Ibid., p. 129 et. seq..

3.2 A montagem do cenário

Em *El 24, ó la conspiración*, segunda parte da peça, Alberdi inicia a primeira cena dispondo seus personagens na sala da casa de Rodrigues Peña (importante personagem histórico no processo revolucionário de Maio): o cômodo é composto de um sofá, uma mesa com luzes e licores, e a ação se passa à noite. O elenco¹⁴, por sua vez, é formado por Hipólito Vieites, Feliciano Chiclana, Juan José Paso, Juan Larrea, Manuel Belgrano, Juan Manuel Beruti e Rodríguez Peña.

Deve-se pontuar que Beruti teve um papel coadjuvante nos bastidores da Revolução de 1810, na medida em que, ao contrário dos demais nomes listados por Alberdi, não participou de batalhas, assembleias ou missões decisivas. Numa sociedade que ainda vivia os moldes da História *Magistra Vitae*, ele era o *narrador*, era aquele que esteve presente para, descrever os fatos tal qual eles ocorriam, tal qual ele havia *testemunhado*. A adição deste personagem ressalta a preocupação de Alberdi em tornar sua versão dos fatos o mais verossímil possível, tal qual ele mesmo afirma em defesa de sua obra. Pois, segundo ele, foram consultados, além de “*los distintos escritos sueltos que corren sobre la matéria*” e das atas dos *Cabildos*, as memórias de Mariano Moreno e alguns periódicos da época¹⁵.

De acordo com a descrição dessa primeira cena, há silêncio entre os personagens e é possível ouvir pessoas do lado de fora da sala cantando e gritando vivas a Fernando VII, ao “vice-rei”¹⁶ Baltasar Hidalgo de Cisneros e à nova Junta. Alberdi confere, então, um caráter intimista às falas dos protagonistas, como quando Vieites dirige-se aos demais como “amigos”, destituindo o caráter formal da Revolução, retratando-a tal qual fosse apenas a vontade de um grupo de conhecidos que se reuniram para discutir as medidas políticas vigentes e, após discordarem do governo, decidiram por sua deposição. Isso pode ser interpretado como uma técnica para aproximar o espectador, tornando o ambiente mais

¹⁴ As notas biográficas acerca dos personagens históricos apresentados por Alberdi, nos dois atos da peça, encontram-se em Anexo, ao final desta dissertação.

¹⁵ *Ibid.*, p. 127.

¹⁶ Pelo Congresso de 22 de maio de 1810, Baltasar Hidalgo de Cisneros não era mais considerado “vice-rei”, uma vez que a independência havia sido aclamada então. Porém, como esta alcunha o precede ao longo da peça, para reforçar o argumento de que se tratava de um “*tirano*” e governador ilegítimo, ela foi mantida na presente análise, sempre entre aspas.

familiar, resumindo a extensa série de encontros e debates que antecederam aquela cena, conforme já foi explicitado.

A fala de abertura é taxativa: “*Mis amigos: basta de humillacion*”¹⁷. Deve-se considerar, nesse ínterim, que, ainda que a peça aborde outro um tempo histórico passado, ela é escrita por um exilado, militante político, periodista ativo em suas críticas ao governo rosista. Assim, o autor parece falar - pela boca de seus personagens - a seus pares, àqueles que, como ele, combatiam o “tirano Rosas”. No tocante a tirania atribuída a Rosas, é importante lembrar que ela surge nos escritos de Alberdi somente após sua partida para o exílio, antes disso ele chegou a defender o regime rosista:

*cuantas veces se ha dicho que el poder del Sr. Rosas no tiene límites, se ha despojado, aunque de buena fe, a este ilustre personaje del título glorioso de Restaurador de las Leyes: porque no siendo otra cosa las leyes que la razón o el derecho, restaurar las leyes es restaurar la razón o el derecho, es decir, un límite que ha sido derrocado por los gobiernos despóticos, y que hoy vive indeleble en la conciencia enérgica del gran general que tuvo la gloria de restaurarle.*¹⁸

A tirania e demais críticas ao governador bonaerense não eram de opinião unânime. No contexto do bloqueio anglo-francês - e após a tentativa de intervenção na Banda Oriental -, Rosas foi deveras elogiado, até mesmo pelo “libertador” San Martín, conforme consta em seu testamento:

*El sable que me ha acompañado en toda la guerra de la independencia de la América del Sud, le será entregado al general de la república argentina don Juan Manuel de Rosas, como prueba de la satisfacción que como argentino he tenido, al ver la firmeza con que ha sostenido el honor de la República contra las injustas pretensiones de los extranjeros que trataban de Umillarla*¹⁹

Na sequência de *La Revolución*, através da fala de Chiclana, ao contextualizar a situação “humilhante”, Alberdi trata a “*Conducta del Cabildo*” como algo misterioso e aparentemente pouco sincero, referindo-se ao fato de Cisneros pretender manter-se no poder como presidente da Junta, uma vez que por deliberação do “*pueblo*”, no Congresso do dia 22 de maio, haviam decidido que

¹⁷ Ibid., p. 19.

¹⁸ Idem, *Fragmento Preliminar*, op. cit. p. 190.

¹⁹ Testamento do General José de San Martín, Paris, janeiro de 1844. *Transcripción textual* – “*El sable del general San Martín*”, Instituto Nacional Sanmartiniano. Disponível em: <http://www.me.gov.ar/efeme/17deagosto/legado.html> Acessado em 16/11/2011.

ele não deveria permanecer. Logo nesse começo o texto se mostra confuso e pouco objetivo, uma vez que a discussão que se segue entre Chiclana e Paso é complexa, com falas extensas e inflamadas.

Paso retruca o argumento, afirmando que aquilo fora intriga e traição. Além disso, questiona quem, afinal, formaria o *pueblo* do qual o outro estava falando: “*Qué havia pedido el pueblo, primero por unos pocos ciudadanos de su seno, despues por un Congreso, últimamente él mismo?*”²⁰. Há, então, uma primeira diferenciação entre *pueblo* e *ciudadano*, que ocorre outras vezes ao longo do texto, sempre no sentido de demonstrar que os *Cabildos* não representavam o *pueblo*, uma vez que era composto por *ciudadanos* que habitavam o centro urbano e comercial de Buenos Aires, em contraste com uma maioria da população que se mantinha à margem dos acontecimentos políticos. Entretanto, a discrepância entre o *pueblo* bonaerense e aqueles que participavam da vida política exercendo seu direito de *ciudadano*²¹, não é resolvida prontamente no texto. Ao contrário, Alberdi apresenta diversas categorizações e versões para esses e outros conceitos, ao longo das falas de seus personagens.

Outro importante vocábulo aparece no diálogo entre Chiclana e Paso: a menção de Cisneros como “tirano”. Se essa alcunha não era usada para designá-lo (Cisneros) em 1810, mas sim para referir-se a Rosas em 1839, quando a peça foi publicada. Isto pode ser observado nas *Actas Capitulares*: “*el pueblo, legalmente convocado, se decidió a reemplazarle por otra autoridad, que aunque bien definida en los primeros comicios, sufrió notables modificaciones en los subsiguientes*”²². O termo “tirano” era largamente utilizado na década de 1830, entretanto, se o “vice-rei” deixou o cargo a favor da nova Junta, porque ele foi retratado dessa forma?

A “tirania” apontada por Alberdi em Cisneros consistia na sua insistência em permanecer no poder, fazendo parte da Junta governativa mesmo após a decisão do *Cabildo*, no dia 22 de maio, de retirá-lo. Para o personagem Paso, essas alternâncias promovidas pela nova Junta são meros sofismas, frutos da influência dos espanhóis e atestam a insatisfação em relação a Cisneros: “*es decir*

²⁰ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit., p. 20.

²¹ A noção de “*ciudadano*” é apresentada no primeiro capítulo desta dissertação, para maiores informações ver: CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudadanía, soberanía y representación en la génesis del Estado argentino (c. 1810 – 1852)*. op. cit.

²² Prólogo das *Actas Capitulares* s/n disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/actas-capitulares-desde-el-21-hasta-el-25-de-mayo-de-1810-en-buenos-aires--0/html/>

al Virrey, al Tirano, que, con el nombre hipócrita de Presidente es tan Virrey, tan Tirano como antes”²³. Em relação à alcunha cínica de presidente, pode-se ter em mente a figura do próprio Rosas, no cerne das críticas feitas a ele sobre seu autoritarismo.

Larrea, então, tenta amenizar a situação, dizendo que Cisneros possui um único voto, e que a Junta tem ao todo cinco votos, dificultando ações drásticas por parte dele. Esse argumento, entretanto, é posto em cheque por Paso, que retruca questionando a validade (legitimidade) de votos, que poderiam ser facilmente comprados. Alberdi, assim, - reforçando a hipótese dessa pesquisa de que, ao retratar Cisneros estava, na verdade, referindo-se a Rosas -, utiliza Paso para dar a sentença, iniciada com a fala de Vieites, de que alguma providência deve ser tomada: *“Nada ha cambiado, señores, mas que un nombre: la tirania es la misma, el tirano es el mismo”*; para ele, as vitórias conquistadas até então não passam de aparências, uma vez que a *“patria”* enfrentava muitos perigos²⁴.

Chiclana, por sua vez, aponta o caminho ideal para as mudanças necessárias como se estivesse a definir o que seria uma revolução: *“no invocar mas pretextos frívolos, achaques miserables, para pedir á gritos el cambio mas lejítimo y mas justo que se haya operado jamas sobre el teatro del mundo”*. Ele fala, também, que, naquele momento, de nada valeriam medidas diplomáticas e que mudar o governante não traria as soluções desejadas: seria necessária a liberdade do povo e a independência do mundo e que tudo isso deveria ser feito naquela noite, sem delongas²⁵.

De acordo com a peça, os planos revolucionários se deram em uma noite. Os personagens, uma vez reunidos, decidiram agir imediatamente - ainda que essa decisão tenha custado idas e vindas nas longas e complexas falas do texto. Seguindo a discussão sobre o imediatismo das ações, é posta em pauta o uso da figura de Fernando VII para que o “povo” seguisse mais tranquilamente as mudanças propostas. Como demonstram as palavras de Mariano Moreno, publicadas em um texto sobre os Congressos que antecederam o 25 de Maio, a pressa em se fazer a revolução girava em torno do

²³ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución, op. cit.*, p. 20

²⁴ Ibid. p. 21

²⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución, op. cit.*, p. 21

*inminente peligro de la demora, y la urgencia con que la naturaleza excita a los hombres, a ejecutar cada uno por su parte, lo que debe ser obra simultánea de todos, legitimaram la formación de un gobierno, que ejerciese los derechos, que improvisadamente habían devuelto al pueblo, y que era preciso depositar prontamente, para precaver los horrores de la confusión y la anarquía*²⁶

Na peça, alguns personagens concordam com isso, pois tal processo não acarretaria em violência, mas Vieites é a favor de uma ação drástica com armas empunhadas em praça pública. Mais uma vez a justiça é relacionada a algo que está além dos poderes dos homens e que nada tem a ver com “intrigas”. Nesse momento é pontuada participação do “povo”, pois, se eles pretendem fazer uma “*revolución popular*”, ela deveria contar com os chefes das tropas locais, os “*vecinos*”, e as “*masas*”, ou seja, os elementos que, de acordo com o discurso, compõe o “povo”²⁷. A prova disso seria o fato de a Junta ter consultado os chefes das forças armadas para que eles pudessem apoiar a presidência de Cisneros e conter o “povo”, se necessário fosse.

Assim que os militares são citados, Belgrano entra em cena para “*volver por el crédito de nuestros amigos*”: ou seja, está ali em defesa deles, uma vez que eles estariam “*desengañados*”. Essa fala faz parecer que, se havia uma parcela das forças armadas apoiando Cisneros, então eles não estavam bem informados sobre a real situação e, portanto, seria necessária uma abordagem especial para convertê-los à causa revolucionária. Larrea sugere o nome de Saavedra como o único que poderia presidir as tropas sem que estas se “contaminassem”, e também questiona se os *ciudadanos* iriam à frente das batalhas e se haveria dinheiro (“*motor supremo de las revoluciones, este agente imponderable que dá vida y muerte a los tiranos*”) o bastante para tal, pois além de armar pessoal, talvez fosse necessário pagar “*las manos mercenarias que cierran las cárceles y los cuarteles*”²⁸.

Vieites afirma que existe a possibilidade de financiamento pelos *patriotas*, ou seja, aqueles que apoiavam a causa revolucionária, mas teme que na hora precisa, eles se neguem a fazê-lo sob o pretexto de questionar a validade da revolução, uma vez que, até aquele momento, ela só estava no horizonte de

²⁶ MORENO, Mariano. *Sobre el Congreso convocado, y Constitución del Estado*. Gazeta de Buenos Aires, 1, 6, 13 e 15 de noviembre de 1810. Disponível em: <http://coleccion.educ.ar/coleccion/CD28/recursos/concepto4.html>

²⁷ Id., *La Revolución*, op. cit., p. 23.

²⁸ Ibid. p. 24.

expectativas de um ínfimo grupo, e em contrapartida quase todo o “povo”, o exército, “*los jefes, las provincias interiores, la Banda Oriental, Chile, Colombia, el Perú y Méjico son otros tantos soldados del poder español, que mañana se descolgarian sobre nosotros aun cuando llegásemos á obtener algun suceso*”. Dessa forma, para ganhar o apoio destes setores, seria preciso uma postura mais diplomática e lenta, ainda que isso fosse cansativo e representasse um “*pensamiento quijoteso*” para muitos.

Os personagens começam a arrefecer frente à possível derrota do movimento, a uma “revolução abortada”. A peça, então, estanca numa discussão sobre a melhor forma de agir: a pacífica e paulatina ou a violenta e imediata. Enquanto isso, ainda pode-se ouvir os festejos e músicas do lado de fora da casa, que soam com “*viva a la nueva Junta y su glorioso Presidente el Virey Cisneros!*” e: “*Burla y desprecio á los que han soñado com la caída del Virey*”²⁹. Nesse momento, Alberdi apresenta um esboço acerca da questão da legitimidade política que perpassaria diversas obras futuras, como as *Bases y puntos*.

A respeito do princípio do conceito de legitimidade na obra alberdiana, Natalio Botana comenta que este se encontra “*en la afirmación de que la sociedad civil es un bien más importante que la sociedad política*” e, nos ditames de Montesquieu, a sociedade civil seria constituída pela liberdade moderna³⁰. Essa questão, pelo menos até a década de 1840, também tem uma ligação direta com as obras dos teóricos franceses Lerminier e Jouffroy. Tal qual aponta Alejandro Herrero, para Alberdi seria preciso se inspirar nas revoluções européias, entretanto, buscando inverter suas etapas, pois aqui, diferente da experiência francesa, as liberdades republicanas foram conquistadas antes que se incutisse na população uma “*renovación de hábitos y costumbres alimentadas por ideas civilizadas*”³¹. Tais referenciais teóricos aparecem principalmente nas obras da juventude do tucumano, como o *Fragmento Preliminar* e o *Discurso pronunciado el dia de apertura del Salon Literario*.

Em *La Revolución de Mayo*, o papel decisivo que *El Pueblo* tem – como personagem – no desfecho da *revolución*, demonstra a preocupação do jovem Alberdi em ressaltar a importância da sociedade civil. A fala seguinte é de

²⁹ Ibid., p. 26 et. seq.

³⁰ BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*, op. cit., p. 454.

³¹ HERRERO, Alejandro. *Ideas para una República: una mirada sobre la Nueva Generación Argentina*. Remédios de Escalada: Universidad Nacional de Lanús, 2009, p. 76

Belgrano que, ao se indignar com as palavras de Paso e Vieites, profere um discurso inflamado, com traços de filosofia iluminista:

*Somos locos, porque pensamos que todos los hombres nacen iguales y libres, que lo mismo en religion que en política, ellos tienen derechos y deberes uniformes á los ojos del cielo: somos locos, porque pensamos que todos los pueblos son libres y soberanos, y que no hay mas legitimidad política en el mundo, que la que procede de sus voluntades: somos locos, porque pensamos que el reino de la razon há de venir algun dia: somos locos, porque no queremos creer que los tiranos, y la impostura y la infamia, han de gobernar eternamente sobre la tierra (...) yo me lleno de orgullo en ser loco de ese modo.*³²

Há, também, nesta colocação de Belgrano, alguns aspectos do ideário republicano postulado por Alberdi ao longo da peça, uma vez que a ideia de um “*pueblo soberano*” esteve, em algumas ocasiões ao longo do ano de 1810, vinculada como sinônimo de “república”. Na sequência de diálogos, Chiclana direciona as ações instituindo que a revolução aconteça no dia seguinte, sem mais delongas, e lista o apoio que eles podem conseguir de imediato: grande parte de sua própria tropa, quase todos os oficiais subalternos e um dos chefes de tropas. Dessa forma, só ficaria faltando Saavedra, com quem deveriam falar em segredo, naquela mesma noite, no “*cuartel de Patricios*”³³, tido como “*el teatro de otra escena no menos animada*”³⁴, uma vez que lá a nova Junta estava sendo comemorada. Assim, Chiclana parte em busca de Juan José Castelli, para que juntos procurem Saavedra.

Finalmente começa a segunda cena, com a chegada de D. Severo, “*ajitado, lloroso*”, como se estivesse a par de tudo o que fora discutido, e questiona porque aqueles jovens estavam tão calmos diante do dia em que seriam desprendidos os grilhões da *patria*. Todos brindam ao “*nacimiento de la libertad americana*”.

³² ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit., p. 28

³³ O Regimento dos Patrícios surgiu à época das invasões inglesas, quando o então vice-rei Santiago de Liniers convocou os *ciudadanos* para formarem a *Legión de Patricios Voluntarios Urbanos de Buenos Aires*, e converte-se em uma importante peça, não somente para a Revolução de Maio, como também nas guerras civis que seguiram logo após. Além disso, ele é constantemente evocado ao longo do texto como uma das principais bases de apoio perseguidas pelos revolucionários. Para maiores informações ver: ZANONE, Oscar J. Planell, TURONE, Oscar A. *Agrupación Patricios Reservistas / Patricios de Vuelta de Obligado*. Revista Todo es Historia – Año XI, Nº 133, Junho de 1978, e também: FRAGA, Rosendo. *Bicentenario de la Diplomacia Argentina*. Serie de Artículos y Testimonios, Nº 64, Consejo Argentino para las Relaciones Internacionales. Disponível em: <http://www.cari.org.ar/pdf/at64.pdf>.

³⁴ MITRE, Bartolomeu. *História de Belgrano Tomo I*. Buenos Aires: Imprenta de Mayo, 1859, p. 246.

Apesar dos brindes e vivas, as próximas falas giram em torno de um pessimismo geral frente aos possíveis impedimentos e entraves para a execução daquele plano. Ao ser questionado sobre o financiamento que poderia dar à causa, Severo afirma que está disposto a oferecer tudo o que possui, contanto que o “plano” lhe seja bem explicado. Larrea pontua: “*En materias de revolucion, mi amigo, el plan es un sagrado: y lo menos noble y lo menos generoso, exigir su rebelacion por condicion de la cooperacion*”³⁵ Nesse ponto, entre as tentativas de resumir e apresentar os passos revolucionários, o texto fica confuso em meio a proclamas de *patriotismo* e *revolución*, sem, contudo, revelar os detalhes da ação planejada. Paso começa a desacreditar da revolução, uma vez que eles não podem contar com mais ninguém e que ainda há a possibilidade de eles serem presos sozinhos na manhã seguinte ou forçados a partir em exílio - ideias que Vieites refuta prontamente.

Chiclana retorna de sua missão, para iniciar a quarta cena, e afirma que Saavedra não apóia a revolução porque, teoricamente, o “povo” escolheu Cisneros através do congresso e está comemorando isso nas ruas, portanto, seria contraditório destituir aquele governo. Através de um criado, chegam notícias negativas dos misteriosos “senhores T, M, S e O”, sobre o apoio financeiro para a revolução. Como se comprovassem a razão do pessimismo e para criar um ambiente de desolação em cena, é possível ouvir os gritos na rua: “*Viva el Presidente Cisneros! viva el querido del pueblo! mueran sus locos detractores*”³⁶. Belgrano, desanimado, afirma que a revolução está perdida.

Pode-se dizer que esses altos e baixos ao longo das falas foram utilizados numa tentativa de narrar a Revolução não como algo dado, coerente e simples, por mais que, de acordo com o tempo descrito pela peça de Alberdi, a ação tenha ocorrido literalmente da noite para o dia. Entretanto, tal jogo tornou o texto demasiado complexo, com frases longas, algumas de difícil compreensão para um público afeiçoado aos sainetes e comédias dramáticas, como era o caso à época.

A ideia de que eles eram vistos tal qual loucos, como proferiu Belgrano, retorna em uma fala de Larrea, dizendo que eles poderiam parecer loucos de fato, mas após a vitória, essa impressão seria invertida. Nesse momento Castelli entra em cena, informando que falara a Cisneros sobre os planos e sua reação foi

³⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit., p. 30 e 33, respectivamente.

³⁶ Ibid. p. 38.

quedar-se perplexo, como se estivesse a “*meditar un plan diabólico*”. Os personagens se inflamam com a declaração do “vice-rei” e Chiclana, ao discorrer vagamente sobre os moldes do governo que eles gostariam de instaurar, lança os alicerces de uma concepção republicana: “*Yo no creeré jamás que los destinos de un gran pueblo grabiten sobre los hombros de un solo hombre. (...) Los poderes existen por los pueblos. La libertad no es hija del puñal*”.

Larrea pontua uma importante questão, desprezada até o final no primeiro ato: ainda que eles tenham sucesso, que Saavedra os apoie, que a *revolução* ocorra e que Cisneros seja derrotado, quem governaria no lugar dele? Qual seria a proposta de governo? Pois, uma vez retirado o “vice-rei”, alguém deveria assumir o poder prontamente. Os personagens discutem sobre a possibilidade do surgimento de um estado de *anarquia*, caso haja vacância de governo: “Belgrano: *¿Dónde está la anarquía?*; Larrea: *¿Dónde está la unidad?*; Belgrano: *En el designo de derrocar al tirano*”³⁷. A palavra “unidade” é empregada em oposição ao termo “anarquia” e mais uma vez é possível traçar um paralelo com o que estava acontecendo à época da publicação da peça.

De qual “unidade” aqueles homens de 1810 poderiam estar falando? Qual “unidade” teria competência para aplacar a “anarquia”? De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola de 1837, “*Anarquía. f. El estado que no tiene cabeza que lo gobierne. Anarchia*”³⁸, o que permite interpretar a fala de Belgrano de duas formas. Primeiro no sentido de invalidar o governo de Cisneros, uma vez que se há um estado de “anarquia”, é porque não há alguém que exerça o poder, e segundo como uma preocupação em relação a quem assumiria o cargo de presidente, caso eles conseguissem derrubar o “vice-rei”.

Fora do plano literário alberdiano, o governo de Rosas foi diversas vezes referido tanto como solução (por parte de seus propagandistas), quanto como responsável pela ordem anárquica que operava na região do Rio da Prata, tal qual exposto não somente por Alberdi, mas também por Andrés Lamas³⁹ e outros contemporâneos. Por sua vez, Echeverría em seu *Dogma Socialista*, publicado na mesma época:

³⁷ Ibid., p. 40 e 42, respectivamente.

³⁸ Diccionario REA, p 48, disponível em:

<http://buscon.rae.es/ntlle/SrvltGUIMenuNtlle?cmd=Lema&sec=1.0.0.0.0>.

³⁹ Ver: LAMAS, André. *Apuntes Históricos sobre las agregaciones del dictador argentino D. Juan Manuel Rosas contra la independencia contra la República Oriental del Uruguay*. op. cit.

*Es que los desengaños han venido a entibiar las esperanzas; que eso intenso afanar y esa lucha prolongada para cimentar la libertad han sido estériles y ineficaces; que los principios y las doctrinas no han producido fruto alguno; y que la fe de todos los hombres, de todos los patriotas, ha venido a guarecer su impotencia en el abrigo desierto del escepticismo y de la duda, después de haber visto a la anarquía y el despotismo disputarse encarnizados el tesoro recogido por su constancia y su heroísmo.*⁴⁰

“La anarquía está en la sombra la víspera de toda revolución; sale siempre a luz con el gobierno nuevo”⁴¹: essa é a resposta de Larrea à discussão, ao passo que Belgrano dispõe seu argumento tal qual a liberdade fosse um antônimo para a anarquia. Beruti, que como assinala Alberdi, até então se mantivera calado, se levanta e começa a redigir a lista da nova junta e lê: presidente: Saavedra, *vocales* (demais membros da Junta): Belgrano, Castelli, Ascuenaga, Larrea, Alberti, Mateu; secretários: Moreno e Paso. Após essa definição – seguida de alguns protestos por parte de Belgrano, que no fim acaba por “ceder” ao cargo sugerido – todos partem para o *cuartel de Patricios*, local onde deveriam encontrar a Saavedra e converter as tropas à causa revolucionária.

Tem início a oitava cena, com alguns novos personagens. O cenário é um quartel general no qual se veem fuzis, espadas, e outros utensílios militares. Há uma mesa larga com comidas e as cores espanholas (vermelho e amarelo); há alguns oficiais e “*ciudadanos civiles*”, todos com fitas brancas nos chapéus, movimentando-se com alegria e música. Um oficial, que não recebe nome próprio, propõe brindes e todos o saúdam, enquanto outro oficial acrescenta: “*Por la inalterable union de los gloriosos sostenedores de Fernando VII*”⁴². A propósito desta ocasião, o próprio Saavedra afirmou em suas memórias que

*Los hijos de Buenos Aires ya querían se realizase la separación del mando de Cisneros, y se reasumiese por los americanos. Se hicieron varias reuniones, se hablaba con calor de estos proyectos y se quería atropellar por todo. Yo siempre fui opositor a estas ideas. Toda mi resolución o dictamen era decirles: “Paisanos y señores, aun no es tiempo”, y cuando los veía más enardecidos en persuadirme, volvía a contestarles: “No es tiempo, dejen ustedes que las brevas maduren y entonces las comeremos”. Algunos, demasiado exaltados, llegaron a desconfiar de mí, creyendo era partidario de Cisneros. Creció este rumor entre los demás, mas yo no variaba de opinión.*⁴³

⁴⁰ ECHEVERRÍA, Esteván. *El Dogma Socialista*. op. cit. p. 31 – 32.

⁴¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 43.

⁴² *Ibid.*, p. 48.

⁴³ SAAVEDRA, Alfredo Zimermann. *D. Cornelio Saavedra*. Buenos Aires: Librería Nacional, 1909, p. 358.

Já na peça de Alberdi, Saavedra, ciente dos planos revolucionários, comenta com os soldados presentes que várias pessoas são contra o novo regime, como que pontuando que o sistema não era homogêneo e consensual: “*Señores: porque los muros de este cuartel Sean impenetrables á las sugestiones de la sedicion y de la anarquia*”⁴⁴. Mais uma vez há o jogo com o termo “anarquia”, usado tanto pelos revolucionários, quanto por aqueles que estavam no poder.

Na cena seguinte, voltam os primeiros personagens ditos, “*rebolucionarios*”, que se misturam aos que já estavam no quartel, mas a música segue e alguns continuam a beber. Há certa desconfiança em relação aos recém chegados, como se Saavedra estivesse de fato se referindo a eles na fala anterior. A peça chega a um clímax de tensão, pois é nítido que os rumos da revolução serão pautados pelas próximas ações, uma vez que era claro que o suporte de Saavedra era fundamental. Vieites pergunta se ele pode falar com liberdade ali e todos respondem que sim, e ele propõe a inclusão de um novo brinde: “*invito a beber, señores, por la ruina de la junta gubernativa fiel continuadora de nuestra servidumbre!*”, ao que “muitos” gritam que aquilo seria um escândalo e querem que ele saia; Vieites insiste, querendo ainda dizer mais coisas, e Chiclana faz um gesto para que os outros escutem. Alberdi usa constantemente uma denominação quantitativa ao coro, como “*todos*”, “*muitos*”, “*pocos*”, “*unos*”, para demonstrar o nível de aceite a cada proposição.

Evidenciando uma visível parceria, Saavedra dá a palavra a Vieites, que em seu discurso utiliza o argumento de que o “povo” teria convocado um congresso para harmonizar o estado das coisas e que, portanto, foi decidida a separação do “vice-rei” dos assuntos públicos e assim, aclamar Cisneros como presidente era ser “*blasfemo, escandaloso e atentador*”, e finaliza sua fala associando, mais uma vez, esse governo à tirania. Enquanto Vieites discursava, Chiclana falava a cada oficial em particular, corroborando as ideias do outro: assim, quando acabou a fala, todos o saudaram. Saavedra questionou o motivo de tal aclamação, e se ele, como parte do novo governo também não seria, no fim das contas, um tirano. Ele fala contra os princípios conspiratórios de seus amigos, argumentando que eles deveriam esperar que a “revolução” seguisse seu rumo, e que as coisas ficariam bem e que teme um estado de “anarquia”, caso se altere

⁴⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit., p. 48

qualquer coisa naquele momento e finaliza com uma sentença historicista: “*Aceptemos la alianza del tiempo, y marchemos á su paso*”⁴⁵.

Alberdi dispõe a “anarquia” tanto na fala de Saavedra, representando o temor de que a “revolução” proposta por seus pares trouxesse desordem, quanto na afirmação de Belgrano: somente a queda de Cisneros traria um estado de paz. Ou seja, o termo é manipulado ao longo do texto com diversos significantes, compondo mais um fator que poderia confundir o leitor, além de demonstrar que essas palavras não tinham uma única acepção no vocabulário corrente.

Vieites replica a fala de Saavedra dizendo que talvez seja melhor acabar com a Junta desde já, uma vez que não tem dado certo desde o começo, mas o outro afirma que fez um juramento àquele governo e que ele não pode ignorar um governo legitimado. Vieites questiona se o governo é de fato reconhecido pelo *pueblo* e argumenta que a jura tem que ser para a “*patria*” e para o “povo”, incluindo o apoio à causas que sejam para o bem da “*patria*”. Chiclana diz que ele deve render-se de uma vez, e propõe um brinde a Saavedra e a liberdade, que todos acompanham e saúdam. Saavedra diplomaticamente responde: “*Brindo, señores, porque los dias del gobierno en que figura el señor Cisneros sean tan invariables y tan duraderos como lo son mis juramentos*”⁴⁶. Dando provas de que ainda não havia sido convencido, diz que vai prendê-los e sai de cena, deixando os demais inseguros, ao que Paso comenta: “*Adios revolucion, adios revolucionarios!*”⁴⁷. Entra um oficial e avisa que eles devem deixar o quartel em cinco minutos.

Chiclana, aparentemente o mais íntimo de Saavedra, pede que o chamem e “(aba [lan] zandose hácia él). Ven acá, y escuchame una palabra: (tomándole del brazo, y trayéndole a un extremo): - Vem acá, pedazo de mentecapto”⁴⁸, afirma que ele, Saavedra, seria o novo presidente, que eles, revolucionários, nada poderiam fazer sem ele, “*porque eres americano, porque eres amigo de todo mundo, porque eres mas digno y mas querido del pueblo que esse español odioso.*”. A princípio Saavedra diz que se ele estava ao lado de Cisneros era por

⁴⁵ Ibid., p. 54.

⁴⁶ Ibid., p. 55.

⁴⁷ Ibid., p. 57.

⁴⁸ Ibid. p. 59.

acreditar que assim queria o “povo”, mas se a “*voluntad y interés del pueblo*”⁴⁹ era outra, então ele permaneceria neutro no tocante a revolução proposta.

Ao utilizar a “vontade popular”, novamente encontra-se um traço do que fora exposto no *Fragmento Preliminar*. Em análise dessa obra, Elías Palti ilustra que, para Alberdi, “*el secreto de poder de Rosas sólo podría explicarse, pues, su carácter representativo. Su fuerza emanaba, en última instancia, del hecho de que encarnaba la voluntad general*”. No discurso de Chiclana são elencados importantes elementos para construção de um discurso de cunho nacionalista, tais quais reconhecer-se “americano” e ser reconhecido pelo “povo”, por seus “*compatriotas*”, em oposição ao estrangeiro, àqueles nascidos em outro território e fiéis a outra sociedade.

Em 1837, quando publicou seu *Fragmento*, Alberdi afirmava que “*El Sr. Rosas, considerado filosóficamente, no es un déspota que duerme sobre bayonetas mercenarias. Es un representante que descansa sobre la buena fe, sobre el corazón del pueblo*”⁵⁰. Dessa forma, sustentava uma justificativa para o governo rosista⁵¹, como se Rosas estivesse no poder devido a vontade do “povo”. Pouco tempo depois de Alberdi ter escrito isso, a Mazorca – Membros da Sociedade Popular Restauradora; órgão repressor do rosismo – encerrou as atividades do *Salon Literario* e a quase totalidade de seus membros partiram para o exílio.

A partir de então, Alberdi dedicou suas publicações em Montevideu a delatar o regime autoritário de Rosas. Esse “engano” em relação a figura do governador de Buenos Aires é o mesmo que se passa com o personagem Saavedra, ao acreditar que o “povo” legitimara o mandato de Cisneros. Com isso, não se está sugerindo que Alberdi seja oportunista, e que só tenha começado a criticar Rosas quando partiu para o exílio. A “decepção” perceptível em Alberdi também acometeu outros intelectuais. Além disso, Alberdi foi para Montevideu (de espontânea vontade) justamente porque começou a discordar das medidas do governador bonaerense, e uma vez lá, apenas deu prosseguimento às críticas que fazia.

⁴⁹ PALTÍ, Elías. *El momento romântico*. op. cit. p. 38.

⁵⁰ ALBERDI, *Fragmento preliminar*. op. cit. p. 125.

⁵¹ PALTÍ, Elías. *El momento romântico*. op. cit. p. 38.

Em *La Revolución*, para Chiclana, a neutralidade de Saavedra é, na verdade, uma forma de aceitar a nomeação de presidente sem, contudo, quebrar o juramento anterior: “*Señores: tengo el honor de revelar en la persona del bravo comandante de patricios, un decidido campeón de la libertad americana*”. Os personagens brindam e saúdam a “junta patriótica”, enquanto chega um soldado dizendo que o “vice-rei” já está a par dos planos revolucionários e enviou homens para por ordem às coisas.

Moreno entra para a décima - e última -, cena do primeiro ato. Ao ver os demais armados, em posição de ataque, questiona: “*Que es esto, señores? Van ustedes á batirme á mi?*”⁵², logo após uma rápida explicação de Chiclana – que propõe o encontro imediato com Cisneros – pergunta o que está havendo ali, atestando que até então nada sabia das discussões em curso. Saavedra, agora completamente tomado pelo discurso revolucionário, brada: “*A batir á los tiranos y á sus prosélitos! á morir por la libertad y por la patria, que la hora decisiva ya há sonado*”⁵³. Ao que Moreno se mostra contrário, pois tal embate só acarretaria em uma liberdade sanguenta e ilusória. Apela, então, por uma via mais diplomática, que seja feita uma petição assinada pelo maior número possível de “*ciudadanos capaces y dignos*” para apresentar ao *Cabildo* os desejos e votos do “povo”. Assim, na manhã seguinte, a petição deveria ser sancionada.

Mais uma vez é marcada a distinção entre o “povo”, no sentido do conjunto de habitantes da cidade de Buenos Aires, e “cidadãos”, como aqueles a quem era permitido participar e escolher seus representantes no governo. A preocupação em apresentar diversos setores sociais, especificando a atuação de cada um, também estava em pauta desde o *Fragmento*: “*Una nación no es una nación, sino por la consciencia profunda y reflexiva de los elementos que la constituyen*”⁵⁴. Assim, Alberdi indica a necessidade de se fazer conhecer o “povo” para que fosse possível definir os contornos de sua nacionalidade.

Após as explicações de Moreno sobre como eles deveriam proceder caso o *Ayuntamiento* reagisse violentamente a revolução, Chiclana propõe que eles façam um juramento, com as mãos no peito – numa verdadeira filiação ao

⁵² ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit., p. 63

⁵³ *Ibid.*, p. 65

⁵⁴ *Id.*, *Fragmento Preliminar*, op. cit. p. 111.

Iluminismo, na medida em que evoca os ideais de liberdade e igualdade como direitos do Homem. Todos juram e dão vivas à liberdade e ao 25 de maio:

*Por el dios de la libertad, de la igualdad y de la patria – por los sepulcros sagrados de nuestros abuelos los Incas – por la sangre de los mártires de la libertad, por las víctimas de Tupamar, de Colombia y la Paz, inoladas á la libertad americana; por los infortunios de los campeones del pensamiento libre, por los manes sagrados de Sydney [sic], de Rousseau [sic], de Condorcet, y de todos los jénios sacrificados por la barbárie – jurais no dejar pasar el sol de mañana sin haber trozado para siempre las cadenas de tres siglos, y vengado en un dia, trescientos años de ignominia?*⁵⁵

Os personagens combinam de encontrarem-se na “*plaza mayor*”, ou seja, em frente ao *Cabildo*, ao nascer do dia e todos bradam: “*Hasta el primer canto del gallo de la república americana*”⁵⁶; partem e caem as cortinas, encerrado o primeiro ato. Até esse momento, o ideal republicano esteve diluído em algumas falas que definiam o caráter da revolução que eles pretendiam fazer, entretanto, a *palavra* só aparece ao final desse ato, dita pelo coro, por todos os personagens que se encontravam no palco. Alberdi dá a impressão de que estava subentendido que, uma vez proclamada a revolução, o sistema governativo seria republicano, como se à época não houvesse ocorrido uma série de debates em torno de tal escolha.

Ao longo das cenas e, principalmente, com a chegada do terceiro ato, *El 25, ó La revolución*, novas personagens surgem como, Mariano Moreno, Juan José Castelli, Domingo French e *El Pueblo*. A adição deste último elemento ilustra o momento em que Alberdi concede a fala ao “povo”, para que os conspiradores e revolucionários possam ser aclamados e, em alguma medida, legitimados para assumir o poder. A *Crônica* foi elaborada para esse personagem - que em dados momentos usa as vestes de protagonista -, e também foi dirigida aos leitores daquele 1839, para que pudessem sentir que fizeram e faziam parte daquela “nação”, mesmo atuando de forma *dramática* e folclórica. *El Pueblo* brada: “*viva la libertad!*”⁵⁷.

⁵⁵ Id., *La Revolución*, op. cit. p. 68

⁵⁶ Ibid., p. 69

⁵⁷ Ibid., p. 105

3.3

“El pueblo” revolucionário

O texto do terceiro ato inicia com a descrição do cenário: “*La Plaza de la Victoria. – El Cabildo. – En medio, a puerta de la escalera que conduce á la galeria. – Las 7 de la mañana. – El día opáco y lluvioso*”⁵⁸. A ação ocorre com o diálogo entre Díaz Veléz e alguns personagens (sem nome próprio) tratando unicamente de condições climáticas favoráveis a um dia de luta. A segunda cena começa com o discurso de Veléz afirmando que aquele será o dia da liberdade para o solo americano e que, um dia, eles seriam invejados pelos filhos daquela liberdade; fala ainda que tudo dará certo porque deus está ao lado deles. Nesse momento, em silêncio, entram os “*cabildantes*” (Deputados e demais membros do *Cabildo*), um deles segue à sede carregando um pergaminho, identificado por Alberdi como o documento que oficializa a renúncia da Junta governativa, cuja decisão fora tomada após terem ouvido rumores sobre as providências revolucionárias da noite anterior.

Para Díaz Veléz aquilo significava que eles venceriam sem disparar um tiro: “*Asi descenden siempre los tiranos, cuando ven cercano el dia de la justicia, tiemblan, se ciegan y entregan el cuello, como el cordero*”⁵⁹. Domingo French, que concorda com uma vitória sem pólvora, entra em cena com Beruti e outros companheiros, a fim de saber as novidades e ficam a par da renúncia. Porém, ocorre mais uma contradição que poderia confundir uma platéia pouco atenta, pois na verdade o supracitado documento não tratava da queda do governo.

Tal contradição fica clara com a entrada em cena de um membro do *Cabildo*, *El Edecan*, afirmando que “*ni la Junta tiene el derecho de renunciar, ni el Cabildo el poder de admitir la renuncia; ni debe ni puede ser lo que el pueblo pide; no es pueblo, sino un ato de facciosos*”⁶⁰. Segue mais um debate acerca da participação do “*pueblo*” no jogo político a desenrolar-se, até que French dirige-se “*á uno del pueblo*”, que presenciara a discussão em praça pública, e pede que este

⁵⁸ Ibid., p. 71.

⁵⁹ Ibid., p. 74.

⁶⁰ Ibid., p. 76.

vá ao “*cuartel de Patricios*” informar a Saavedra e os demais o que estava ocorrendo.

Todos se mostram indignados com a alcunha de “*facciosos*” e afirmam que o “*pueblo*” quer a revolução, que ela não é obra de uns poucos homens. French pede a outro popular para que ele percorra a cidade em busca do “povo”, a fim de que este compareça à praça, arme-se e tome partido daquelas discussões: “*la patria está á pique de sucumbir; que el tirano tiene intenciones de sostenerse por la violencia y por el fuego (...) diga ud que nadie se presente desarmado, porque la lucha debe ser sangrenta y reñida*”⁶¹. Os personagens falam sobre a precariedade do armamento disponível e acreditam que todos compareceriam a praça para lutar. Fica, assim, a impressão de que foi mobilizada grande parte da população urbana de Buenos Aires, como se a indignação com o governo fosse consensual, justificando um possível combate.

Um deputado sai do edifício do *Cabildo* e anuncia que a intimação do “povo” foi negada – referindo-se ao documento que os personagens do primeiro ato trataram de redigir e preencher de assinaturas na noite anterior. O argumento era de que os *cabildantes* não desrespeitaram o “poder eleitoral”, e a Junta foi legalmente nomeada, portanto, eles eram “representantes do “povo” e deveriam manter a segurança e estabilidade local.

Alberdi tenta criar um ambiente de debate entre os principais personagens e as demais pessoas que se encontravam na praça, sem, contudo, conferir nome a qualquer personagem popular que emitisse alguma opinião, sempre os citando como: “*un otro*”, “*uno de ellos*”, “*el Alguacil*”, ou “*una voz*”. A ausência de nomes próprios está relacionada a uma das concepções de “povo” aparentes no texto, significando a massa homogênea de homens que circulavam pelo centro urbano de Buenos Aires àquela época. Além disso, esta “conversa” pretende conformar o movimento revolucionário de *Mayo* como algo formulado por intelectuais e chefes militares, mas também, apoiado na vontade popular, na manifestação das *massas* e, principalmente, com seu consentimento. Tal forma de soberania popular, existente na obra do jovem Alberdi, é apontada por Elías Palti:

La voluntad general se consituye como tal sólo en la medida en que se asienta en un fundamento racional, e, inversamente, la razón absoluta sólo se articula y hace

⁶¹ Ibid., p. 78.

*manifiesta en tanto es invocada por la voluntad general. El principio que ambos encuentran su síntesis es la razón colectiva. Es en ella que la soberanía popular vendría a condensarse.*⁶²

Na sequencia da peça, o *Alguacil* sai do *Cabildo* e chega à praça com um maço de formulários de obituário⁶³ destinados a alguns oficiais, a fim de demonstrar que os comandantes das tropas, fiéis à Cisneros, não estavam dispostos a retroceder, nem que para isso fosse necessário usar a força. Esta fala dá a French o argumento que buscava para corroborar o apelo feito ao “povo”: “*esta clase de gente no cederá sino á balazos*”, e insiste para que todos se armem para invadir o *Cabildo*. Beruti tenta acalmar a situação, mas a réplica de French é taxativa:

*Los jefes de la fuerza somos nosotros, porque nosotros, somos los gefes del pueblo, que es la fuerza de la fuerza, el rayo del mundo, el Dios de la tierra. Lo que nosotros habrémos hecho en su nombre y con su autoridad, será santo por siempre y para todos, porque el pueblo todo lo santifica, todo lejitima.*⁶⁴

Dessa forma, o “povo”, anônimo, é retratado por Alberdi como uma entidade suprema capaz de legitimar qualquer ação, desde que seja orientado a fazê-lo. French coloca a si e aos demais personagens numa posição privilegiada, como mentores de um organismo extremamente poderoso. Em sua fala, há também uma suposição teleológica da *revolución*, quando Alberdi afirma que as ações posteriores ao movimento seriam glorificadas pelo “povo”. Ou seja, tendo em vista a trajetória de efemérides produzida pelos governantes bonaerenses que seguiram desde 1810 até 1840, época da produção da peça, o texto trata a recepção popular da revolução como algo perfeitamente previsível, quase óbvio.

⁶² PALTÍ, Elias. *Momento Romántico*, op. cit., p. 41.

⁶³ *Aguacil* significa Chefe de polícia. Mais especificamente, de acordo com o *Diccionario da Real Academia Española*: “*Ministro inferior de justicia, que lleva por insignia una vara delgada, que por regular es de junco, y sirve para prender y otros actos judiciales*”. Op, cit., p. 35. Quanto aos “formulários”, no original, são as “*esquelas de citas*”. Como não foi possível encontrar uma tradução direta para esta expressão, ela foi tomada aqui como um apanhado de pergaminhos semi-preenchidos, a fim de listar os mortos no caso de uma batalha entre “*el pueblo*” e as tropas fiéis ao *Cabildo*.

⁶⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. 83. A palavra “jefe” aparece no original com duas grafias diferentes, isso porque embora o castelhano fosse o idioma oficial da América Hispânica desde 1690, na primeira metade do oitocentos as gramáticas normativas ainda estavam em processo de discussão e implementação. A grafia “gefe” consta na coleção de dicionários da Real Academia Española desde aqueles publicados em 1780 até os de 1832, às vezes como sinônimo de “xefe”, entretanto, a descrição permanece a mesma nos três verbetes.

Os oficiais dos quais falara o *Agucil* chegam sob o comando de Martin Rodriguez, a quem Díaz Veléz pergunta se eles estariam realmente dispostos a usar a força armada contra o “*pueblo*”, contra aqueles chamados de *facciosos* pelo *Cabildo*. Rodriguez responde, “*con sonrisa de inteligencia*”, que desconhece o motivo de o terem chamado e entra no prédio com os demais oficiais. Em seguida, há “*grita y algazara en un extremo de la Plaza*”⁶⁵: trata-se de alguns negros que, convocados a lutar pela causa revolucionária, chegaram armados e foram detidos – sem ficar nítido quem o fizera, se os soldados do *Cabildo*, ou os homens que acompanhavam Díaz Veléz e seus companheiros.

Prontamente French faz um interessante discurso acerca da atuação dos negros naquela sociedade, afirmando ser injusto impedir a participação deles, igualmente “filhos da liberdade e da pátria”, no processo revolucionário. Além disso, fica claro o não pertencimento dos negros ao “*pueblo*”: “*Á ver! que vengan esos negros, que se incorporen á nosotros, que se mezclen con el pueblo. Ellos tambien son nuestros hermanos (...) No hay colores, ni ante Dios, ni ante la patria*”, ao que “*Todos*” respondem com vivas à “*República*”. “*Los pobres negros*” não são mencionados como escravos, ou classe trabalhadora, surgem como uma etnia à parte, aparentemente como um organismo social independente do “*pueblo*” bonaerense.

Alberdi propõe, portanto, uma associação de “povo” com “pátria”, significando que o primeiro conceito estava contido no segundo. Sendo assim, a “pátria”, que no texto da peça foi concebida de acordo com o significante de lugar de origem ou de nascimento, contém uma série de grupos como, o “povo”, os negros, as mulheres, os analfabetos, etc., sem que esses elementos estejam necessariamente vinculados entre si por outro motivo que não seu “lugar de origem”. A proposta contida no discurso revolucionário, de acordo com o autor, é a de agregar os negros ao “povo”, configurando-se em um verdadeiro *ato de fala*, no sentido de promover um novo significante ao conceito de “*pueblo*”, mais abrangente e livre ao mesmo tempo, tendo como elo a mesma “pátria” revolucionária.

Além disso, o autor opera um *lance* ao dispor o ideal republicano atrelado no amálgama de “*pueblo*” e “*negro*”, via “pátria”: “*Santo Domingo será la*

⁶⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 84.

tribuna de este corolário supremo de la regeneración republicana: la humanidad vá á completarse. (...) Y entónces la raza ennoblecida levantará sus ojos al Sol de Mayo ”⁶⁶. A “república” é, então, retratada como a entidade redentora das injustiças, como uma solução que encaminharia o “povo”, junção de distintos elementos patrióticos, ao progresso, uma vez que “*un inmenso porvenir está destinado para esta rama noble y colosal de la humanidad*”⁶⁷. O futuro dos quais fala o personagem é republicano, pacífico e, principalmente, gregário, no sentido de possibilitar a participação de um número maior de indivíduos, que por isso, poderiam ascender à qualidade de cidadãos.

Contudo, ainda que muito importante e significativa, esta reflexão racial é breve, ocupando apenas algumas falas na peça, entre a aparição do Coronel Martin Rodrigues e uma colocação inexpressiva de Beruti. O texto prossegue com as mesmas variantes para “*el pueblo*”, sem que se volte a mencionar negros, ou qualquer outra camada social então segregada do “povo”.

Agora a ação se dá em torno da expectativa dos personagens, dispostas na praça, acerca da decisão do *Cabildo* quanto à renúncia da Junta presidida por Cisneros, de modo que alguns deles golpeiam as portas e “*muchas voces*” gritam: “*el pueblo quiere saber lo que se trata con tanta lentitud!*”⁶⁸. Durante as próximas falas há apenas comentários sobre a demorada reunião entre os *cabildantes*, até que Rodriguez deixa o prédio e afirma que eles resolveram retirar Cisneros do cargo de presidente da Junta, ao que French e outro comemoram.

Díaz Veléz, entretanto, diz que aquela fora apenas uma primeira vitória de um porvir glorioso, e que eles deveriam pleitear a mudança da Junta por completo, pois “*desde que en la instalacion suya el Cabildo se ha excedido de sus facultades. Y despues, cuando el pueblo há reasumido la autoridad que la Junta ha renunciado, el pueblo ha adquirido el derecho y el deber de constituir una Junta suya*”⁶⁹. Assim, Alberdi, ao inferir o direito que o “povo” tem de eleger seus representantes, retorna à ideia da legitimidade que “*sólo podia justificarse por las realizaciones del porvenir. Ese futuro, al que constantemente interrogo desde su juventud, reflejaba en presente una conmovedora esperanza en la paz*”⁷⁰.

⁶⁶ Ibid. p. 86

⁶⁷ Ibid. p. 85.

⁶⁸ Ibid., p 87.

⁶⁹ Ibid. p. 91.

⁷⁰ BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*, op. cit., p. 456.

Beruti, em nome da “legítima vontade do povo”, novamente apresenta os nomes indicados para comporem a nova Junta, desta vez citando seus nomes completos e respectivos pronomes de tratamento: Presidente e Comandante geral de armas, D. Cornelio de Saavedra; *vocales*: os senhores D. Miguel de Azcuenaga, Dr. D. Manuel Alberti, D. Domingo Mateu e D. Juan Larrea; secretários: os Drs. D. Juan José Paso e D. Mariano Moreno. Acrescenta ainda: “*En la inteligencia, que esta, absolutamente esta, y no ninguna otra es la voluntad pura e legítima del pueblo*”⁷¹.

Os deputados saem do *Cabildo* e dizem que Cisneros concorda em renunciar, porém, é necessário que se apresente um documento comprobatório de que aquele era o desejo do “*pueblo*” e, assim, Vieites entrega o ofício redigido por eles na noite anterior – conforme consta no primeiro ato – ressaltando que este fora assinado por “*un número de ciudadanos pacíficos e sanos*”⁷²; mais à frente é discriminada a quantidade de 500 assinaturas. Fica clara a identidade que Alberdi pretende dar ao “povo” bonaerense nesse ponto, na medida em que restringe sua extensão àqueles possuidores de direitos e deveres civis naquela sociedade: os cidadãos.

Os *cabildantes* voltam ao prédio com o dito pergaminho para mais uma sessão de debates que, novamente, causam transtorno e impaciência nos revolucionários. Ao regressarem à praça os deputados solicitam ouvir o “povo”, pois querem ter certeza de que as reivindicações não são apenas dos homens ali presentes, e sim fruto da vontade geral de fato. A sexta cena começa com a aparição de personagens inusitados: *El Pueblo*, o *Cabildo* e *El Sindico Procurador*⁷³. O *Cabildo* – enquanto personagem, figura dramática – trata-se do conjunto de pessoas que aparecem na sacada principal do prédio e aparece através de alcunhas como “*El Actuario*” e “*El Corchete*”⁷⁴.

Quanto ao *El Pueblo*, ele aparece como se fosse uma única personagem, como em resposta ao pedido dos *cabildantes*, fazendo parecer possível condensar

⁷¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 92.

⁷² Ibid. p. 94.

⁷³ Alberdi faz questão de descrever este personagem, que no texto aparece apenas como *Sindico*, ou *El Sindico*, como “*el Dr. Leiva, de capa blanca, vueltas mordadas, cabeza empolvada, y redequilla: no viendo todo el concurso que esperaba*”. Esta é a única figura acompanhada de uma descrição mais detalhada de vestimentas e aparência, revelando sua importância simbólica para a trama. Ibid. p. 97.

⁷⁴ Respectivamente, “*escrivão*” e “*el ministro de justicia que lleva agarrados los presos á la cárcel*”. In: *Diccionario* da Real Academia Española, 1837, p. 12 e 203.

as vozes de diversos cidadãos em uma opinião coerente e homogênea. Este *El Pueblo* representa os valores que Alberdi pretende conferir à *Revolución*, apresentando o processo de independência de modo a englobar um maior número de atores, além dos intelectuais e militares citados pelo nome na peça.

El Sindico, ao ver uma pequena aglomeração na praça, pergunta se aquele é o “*Pueblo*” de Buenos Aires e, ao receber resposta afirmativa, pede que *El Actuario* leia o documento entregue outrora, para que se confirme a petição. Além da listagem de nomes para nova Junta, há a reivindicação de: “*un Ejército que antes de 15 dias, marchará en proteccion del establecimiento de estos principios, en el interior del pais, primeramente: mas tarde, si el caso lo demanda, en toda la estencion del continente americano*”⁷⁵. É importante pontuar que até então, os planos revolucionários estavam concentrados em livrar a província de Buenos Aires da dita “tirania” de Cisneros, e somente nesse momento se pronuncia algo sobre estender a outros “povos” a liberdade que eles supostamente almejavam.

A presença de ideais contratualistas foi localizada no texto alberdiano, dentre outros estudiosos do tema, por Bernardo Ricupero: “o problema de Alberdi e de sua geração é análogo ao de Thomas Hobbes: construir a ordem e garantir a paz”⁷⁶. O ritual que soleniza a adesão de um pacto social começa logo após a leitura da petição, quando tem início uma série de perguntas feitas por *El Sindico* e respondidas por *El Pueblo* como, por exemplo: “*Quedaré su conducta sometida á la censura captular; y declarada reprehensible, podrá ser removida por el Cabildo? EL PUEBLO: Con justificacion de causa, y conocimiento del pueblo, si!*”⁷⁷.

Esta é uma parte crucial da história, pois marca a celebração da vitória dos princípios iluministas apregoados no ato anterior, e agora expressos na fala de *Uno* (*en voz fuerte*), o qual pretende chamar a atenção dos demais personagens para aquilo que eles estão vivenciando: “*Silencio, señores, que estamos celebrando el contrato social americano!*”⁷⁸. Há, porém, outra interpretação para a celebração este contrato que remete a antiga noção de “*pacto de sujeción*”, através da qual era possível destituir a autoridade do Rei para entregá-la ao

⁷⁵ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 100.

⁷⁶ RICUPERO, Bernardo. *As nações do romantismo argentino*. op. cit, p. 240

⁷⁷ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 101.

⁷⁸ *Ibid.* p.102.

“povo”, seu “*depositario originario*”, como ocorreu na convocação do *Cabildo Abierto* de 1810⁷⁹.

Feito o juramento do *contrato*, há ainda alguma espera até que *El Corchete* anuncie a vitória do “povo” e mande chamar os novos membros da Junta, ao que os personagens gritam vivas à *patria*. Na fala de Vieites, dirigida a *EL Pueblo*, mais uma vez é ressaltada a soberania popular advinda com a revolução: “*El pueblo es Rey: viva la libertad!*”, e ainda profere um discurso que retoma um aspecto das questões trabalhadas no ato anterior: “*Habeis derrocado en pocas horas un trono que tres siglos estaban sosteniendo. Razas enteras habeis sacado de la nada. (...) Podeis abrazar la victoria sin el temor de ensangrentarla con vuestras manos*”⁸⁰. Com essas frases, Alberdi pretende demonstrar que a Junta presidida por Cisneros estava diretamente relacionada à figura da dominação espanhola, e que a independência proclamada pela província de Buenos Aires não fora um reflexo automático da invasão de Napoleão à Península Ibérica, sendo antes disso, uma conquista das reivindicações do “povo”.

Ainda no tocante a esta última fala, existem dois elementos interessantes. O primeiro é o verbete “*raza*”, que no Dicionário da Real Academia de España é descrito como “*Casta ó calidad del origen ó linaje. Hablando de los hombres se toma regularmente en mala parte*”⁸¹. Anteriormente, ao citar a presença de negros na *Plaza*, Alberdi usou esta palavra agregada de alguns adjetivos, tais quais “*raza natal; raza negra; raza ennoblecida*”⁸². Não obstante a conotação negativa atribuída à “*raza*”, no contexto da fala de Vieites, ela toma o sentido de linhagem, e parece ter sido empregada a fim de representar o caráter universalista proposto pela *revolución*, que objetiva congregar o maior número possível de adeptos, das mais diversas origens. Mais à frente “*raza*” será vinculada aos grandes intelectuais que serviram de inspiração aos revolucionários. O segundo elemento é a postura pacifista do movimento revolucionário, pois, apesar das tensões e de se haver convocado o “povo” às armas, eles atingiram a liberdade sem transformarem-se em homicidas.

Tais dados, manipulados no jogo linguístico do autor, revelam a imagem que ele quis passar aos leitores de 1839, acerca da Revolução de Maio de 1810:

⁷⁹ DI MEGLIO, Gabriel. “Pueblo/Pueblos”. op. cit. p. 132.

⁸⁰ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 105.

⁸¹ *Diccionario ERA*, 1843, oitava edição, op. cit. p. 630.

⁸² ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 85 – 86.

uma comoção popular que contou com a participação de inúmeros cidadãos – conscientes de seus direitos e deveres – e com o bom senso de Baltasar Cisneros que, diante de tal quadro, renunciou a seu cargo pacificamente.

Em meio ao festejo dos personagens, French brada vivas à “*libertad americana!*” e aos “*nobles hijos del Rio de la Plata*”, ampliando assim, o horizonte de expectativas da revolução bonaerense. E em outra fala de Vieites, encontram-se as bases de um pensamento republicano infiltrado por Alberdi e reconhecível pelo apreço à igualdade entre os homens: “*ahora somos una Nacion Soberana. Eramos siervos los unos, amos los otros: hoy somos todos iguales y hermanos*”⁸³. Alberdi cita um trecho das *Actas Capitulares de Mayo de 1810* no qual o *Cabildo* declara o cumprimento das vontades soberanas do “povo” e, logo após mais uma enxurrada de “vivas”, põe nas palavras de Díaz Veléz, as inspirações teóricas daquela revolução:

*Son los principios de Washington y Lafayet, de Sydney y de Rousseau, de todos los hombres célebres que han ilustrado los fastos de la civilizacion humana! Acabais de emparentar con esta raza de gigantes; la luz de su aureola ha caído en vuestros craneos, y estais bautizados hijos de la civilizacion y de la libertad: les débeis la vida á que naceis y la luz nueva que se abre á vuestros ojos: son vuestros padres. Nuestra revolucion es hermana menor de las revoluciones de los Estados Unidos y de Francia! Todas tres tienen por padre al siglo de Rousseau! al siglo de Voltaire, de Montesquieu y de Diderot, al siglo 18 de ambos mundos!*⁸⁴

Dessa forma, os traços iluministas apontados ao longo da peça, são agora elencados a partir dos autores mencionados. Se bem o pensamento alberdiano tenha sido associado ao de autores românticos como, por exemplo, Hegel⁸⁵, a menção a autores iluministas e, especialmente Rousseau, é freqüente em seus escritos da juventude. Os elementos utilizados para dar corpo à ‘*república*’ sugerida em *La Revolución*, possuem um caráter idealizado, sendo moldados de acordo com as premissas políticas e filosóficas concebidas na Europa um século antes: “*Desde que Alberdi comenzó a interrogarse acerca del derecho, la historia y la política, el pensamiento ilustrado desplegó ante él como método y sistema explicativo*”⁸⁶. Tal feita é perceptível não somente em *La Revolución*, mas

⁸³ Ibid. p. 106.

⁸⁴ Ibid. p. 109.

⁸⁵ Ver: RICUPERO, Bernardo. As nações do romantismo argentino. op. cit.; ALBERINI, La metafísica de Alberdi. op. cit.

⁸⁶ BOTANA, Natalio. *La Tradición Republicana*. op. cit. p. 284.

também em outros artigos publicados no *El Nacional* e na *Revista del Plata*, conforme pode ser observado no tomo XIII de seus *Escritos Póstumos*. Presente em diversos autores pertencentes à *Geração de 1837*, a ideia de investir na educação popular esteve, fortemente em Alberdi, ligada ao seu desejo de realizar um contrato social entre os membros da sociedade bonaerense e, assim, dar início ao progresso histórico.

Nesse sentido, ao analisar o “ecletismo” do pensamento alberdiano, no tocante a presença de elementos iluministas e românticos, Elías Palti observa que “*para el pensamiento romântico no existía una razón por fuera de la historia; ella no era sino una lógica desplegada en el propio encadenamiento objetivo de los acontecimientos*”⁸⁷. E assim, apoiado nos manuais de revoluções anteriores, felizes em seus objetivos iniciais, Alberdi retrata o movimento de Maio como o início de um processo histórico, fundamental para o desenvolvimento daquela que, mais tarde, se consolidaria como a República Argentina.

Essa ideia de que a Revolução de 1810 fazia parte de um processo, através do qual a sociedade americana deveria caminhar rumo ao progresso inexorável, está presente desde o *Discurso* de abertura do *Salon Literario*, em 1837: “*Si os colocáis por un momento sobre las cimas de la historia, -veréis al género humano marchando, desde los tiempos más primitivos, con una admirable solidaridad, a su desarrollo, a su perfección indefinida*”⁸⁸.

Em *La Revolución de Mayo*, após a fala de Díaz Veléz, *Una Voz* grita o desejo de morte a todos os “*gallegos abortados por la España!*”, e a primeira resposta dos personagens é um profundo silêncio. Vieites, então, profere um discurso reafirmando o caráter pacifista da *revolucion*, que não necessitava a morte de ninguém além dos “tiranos” que pudessem persistir, pois, eles não querem se vingar com vítimas que, por sua vez, pediam por vingança. Novamente a ideia de estender as proporções de tal feita é exposta:

La revolucion de Mayo no será un motin estrecho del espíritu local, no será una victoria de pandilla, un accidente aislado de villano interes; será un espléndido detalle de una obra que se estiende á toda la humanidad, será un grandioso episodio de una ley

⁸⁷ PALTÍ, Elías. *Momento Romántico*, op. cit. p. 41.

⁸⁸ ALBERDI, Juan Bautista. *Discurso pronunciado el día de la apertura del Salón Literario* (1837). *Obras Completas de J. B. Alberdi*, Tomo I. Buenos Aires: Imp. de La Tribuna Nacional, 1886a. p. 261.

*que trae su desarrollo desde las repúblicas de Grecia y Roma, y propende á dominar la superficie entera de la tierra.*⁸⁹

A evocação do republicanismo clássico era recorrente nas discussões acerca do sistema de governo ideal para aquele território recém independente e, deste modo, a imagem da Roma republicana, bem como de suas virtudes, foi comum na década de 1810⁹⁰ e resgatada por Alberdi. Continuando a fala de Vieites, é possível identificar mais um significado para a “república”:

*producto necesario de todos los progresos humanos, ella es una propiedad de la civilizacion universal; es un triunfo de la razon general, una victoria del espiritu humano, una conquista de todos, una jornada de la humanidad en la eterna campaña de sus progresos indefinidos. (...) Desde este dia pues, nosotros no conocemos extranjeros (...) que el Frances, el Ingles, el Americano sean hombres y hermanos en América, como lo son en la naturaleza y la verdad.*⁹¹

El Pueblo comemora com mais “vivas” à *patria* e à *libertad*, até os deputados saírem do *Cabildo* para serem recebidos com um gigantesco discurso que Vieites lhes dedica e no qual são referidos como homens imortais pelos serviços prestados ao “povo” – representado na peça como um rei que acaba de nascer –, que significavam a queda de um domínio de três séculos⁹². Ele usa como metáfora o “*Leon de América que ha vencido el Leon de Castilla*”, faz uma advertência para que temam ao “*pueblo*”, caso queiram ser “*patriotas*” e ressalta que a “tirania” não pode voltar a ocorrer.

Há um apontamento, ainda na referida alocução, acerca do “patriotismo”, que deve ser incitado na população: “*es menester despertar y educar el sentimiento de la Patria, que es el espiritu público, el instinto de la asociación y de la vida colectiva y solidaria. Todo ha sido anarquía hasta este dia.*”, concluindo que “*solo podeis decir que está cumplida vuestra mision, cuando podais anunciarnos que ya está educado el pueblo*”. Essa educação englobaria a emancipação dos mais pobres em relação aos mais ricos, o desaparecimento da ignorância, da miséria e dos proletários, a riqueza distribuída de maneira

⁸⁹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. 110.

⁹⁰ Di Meglio, “República”, op. cit. p. 148.

⁹¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 110 – 111.

⁹² A ideia de um povo soberano e representado pela figura de um monarca de si próprio é trabalhada em: GUERRA, François-Xavier. *El soberano y su reino. Reflexiones sobre la génesis del ciudadano en América Latina*. op. cit. p. 44.

igualitária, a alfabetização completa dos cidadãos, e a consolidação de literatura, idioma e forças armadas nacionais⁹³. Outro ponto interessante para o qual Alberdi chama a atenção é a necessidade de se criar um amálgama entre o “*principio provisional*” e o “*principio nacional*”, entre o sistema unitário ou central e o sistema múltiplo ou federativo, inspirado na experiência estadunidense⁹⁴.

O jovem Alberdi defendia o centralismo político, porém, de maneira moderada para que cada província pudesse conservar sua autonomia, e não tivesse que, forçosamente, submeter-se a toda e qualquer decisão tomada por Buenos Aires. No tocante à disputa entre essas duas forças políticas, Natalio Botana afirma que

*Mientras el espacio territorial daba razón a El federalista, el espacio político, donde se imponía una interpretación centralista del federalismo, se dividía entre un pequeño centro activo y una vasta periferia pasiva. El contraste entre la densidad política de la capital y de resto del país hizo rigurosamente actual la teoría de Montesquieu: sin fuerzas sociales situadas en puntos diferentes que frenen al poder, como los accidentes geográficos detienen a los ejércitos, la separación jurídica entre legislativo, ejecutivo y judicial ocurre el riesgo de convertirse en una institución inerte.*⁹⁵

A peça segue com uma pequena, porém, importante fala e French: “*¡Vivan los nuevos representantes de su majestad el Pueblo Argentino!*”⁹⁶. É válido ressaltar que à época da Revolução, o adjetivo “argentino” era utilizado, de modo geral, mais para fazer menção a um bonaerense do que a um habitante das Províncias Unidas do Prata – nome “oficial” que o território do Vice Reinado do Prata ganhou quando foi proclamada a independência⁹⁷. Assim, os personagens comemoraram a *revolución* e aparecem três falas de Vieites que reafirmam os postulados teóricos anteriormente apresentados por Alberdi.

Tratar o “povo” como um “rei” ou “majestade”, não deixa de ser uma estratégia para que a transição da condição de colonos para libertos seja suavizada, como um eufemismo. A fim de que a população ao mesmo tempo em

⁹³ Quanto à educação popular, tema de inúmeros trabalhos da *Geração de 1837*, ver: RICUPERO, Bernardo. As nações do romantismo argentino. Op. Cit.; BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*. op. Cit., ECHEVERRÍA, Estebán. *El Dogma Socialista*. Buenos Aires: El Aleph, 1999; MANTOVANI, Rafael Leite. *Elites e formação nacional: as gerações de 1830 no Brasil e na Argentina*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

⁹⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 111 – 112.

⁹⁵ BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*, op. cit. p. 460.

⁹⁶ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 115.

⁹⁷ DI MEGLIO, Gabriel. “Pueblo/Pueblos”, op. cit. p. 139.

que saiba da existência de uma mudança radical, sintá-se segura em acatá-la e, além disso, significa que à época da revolução a ideia de um regime monárquico não era de todo negada:

*Viva el Rey de los Reyes, el Soberano de los Soberanos, el único portentado de la tierra por la gracia de Dios y de los hombres – el PUEBLO! (...) Gloria eterna al apostol del dogma inmortal de la soberania del pueblo – EL GRAN ROUSSEAU. (...) Que los detractores de su genio inmortal sean reputados enemigos de los principios de nuestra revolucion, consignados en las páginas eternas del contrato social. (...) Al primer pueblo americano que se ha sentado sobre el trono y ha colocado sobre su cabeza la corona de los Reyes!*⁹⁸

Rousseau pode ser considerado uma grande influência nos escritos do jovem Alberdi. O ideal presente no *Contrato Social* aparece, em *La revolución de Mayo*, conforme afirma Nelda Pilia de Assunção, principalmente ao usar o conceito de soberania como sendo o exercício da vontade geral. Entretanto, pelas leituras acerca de suas influências teóricas, pode-se perceber que a inclinação aos trabalhos de Rousseau não perseguiu Alberdi ao longo de sua vida; muito ao contrário, como afirma Botana, havia uma inclinação teórica maior em relação a Montesquieu, Guizot e Jouffroy⁹⁹.

Voltando à peça, um fato curioso tem lugar após as vivas recebidas com a fala programática de Vieites: é French quem lança a ideia de, imediatamente, fabricar o símbolo máximo da revolução, a bandeira nacional. E também impõe uma urgência para que se jure o lábaro naquele momento, aproveitado que ali estava reunido o “povo”. De acordo com Felipe Pigna, foi Belgrano o mentor do estandarte azul e branco coroadado pelo sol, tendo-o elaborado à época da batalha de Tucumán, em 1812¹⁰⁰.

Entretanto, Alberdi desloca esse acontecimento para o desfecho da revolução, com destaque para as cores escolhidas, que contrastam com o amarelo e vermelho espanhóis outrora citados, pois, segundo French, nada mais digno para retratar a liberdade, filha do céu, do que as cores do firmamento¹⁰¹. Há ainda, um último detalhe em relação à apresentação da nova bandeira: Alberdi sugere,

⁹⁸ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 115 – 116.

⁹⁹ Ver BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*, op. Cit., p. 354 – 360; Assunção, Nelda. op. cit. p. 105 et. seq.

¹⁰⁰ PIGNA, Felipe. *Biografía de Manuel Belgrano*. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/biografias/b/belgrano.php> Acessado em 20/11/2011.

¹⁰¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 116.

através da fala de “Uno”, que todos trajem as cores que simbolizam o “povo livre” e distribui fitas entre os personagens. Levando-se em conta a imposição que o regime rosista fez à população bonaerense, em relação ao uso de insígnias que distinguem *unitarios* de *federales*, é possível que Alberdi tenha o argumento das “cores nacionais” para criticar o “tirano Rosas”.

Ao final dessa fala de French acerca da bandeira nacional – posta como símbolo do sol de Maio da “pátria” – o autor desenha a imagem de uma comemoração harmônica e com sentimentos patrióticos: os personagens rodeiam o manto e a “*besan con respecto y amor*”¹⁰². Jurada a flâmula, Saavedra aparece na sacada do *Cabildo* e, num ato simbólico que sela o contrato social, fala em nome dos representantes e da liberdade do “povo”, exigindo uma conduta “*indulgente y generosa de un pueblo poderoso por la victoria y por la grandeza de su causa*”¹⁰³, e se retira em seguida.

Se Saavedra foi posto em um papel passivo, somente aceitando as resoluções propostas pelo “povo” e Belgrano só tem destaque na *conspiración*, outros personagens como Díaz Veléz e Vieites, foram desenhados por Alberdi de modo a protagonizar a *revolución*. Assim também o foi French que, após a retirada de Saavedra sob as vivas de “todos”, à moda de uma história feita de causas e consequências, agradece aos povos que, direta ou indiretamente, possibilitaram aquela vitória de “liberdade”:

*Demos gracias a los franceses que, en el otro continente, han probado la impotencia de nuestros tiranos, y á los ingleses que en el nuestro, han probado el poder de los americanos; la conquista en ambos mundos, ha ocasionado nuestra libertad; de la injusticia ha nacido la independencia: los tiranos han creado las libertades de la tierra. Pretendieron ser nuestros amos: hoy somos sus iguales. En recompensa de sus balas les brindamos nuestra hospitalidad.*¹⁰⁴

Pode-se inferir que o agradecimento a França se dá por conta da investida de Napoleão na península ibérica, fato que gerou uma crise na administração das colônias hispânicas, pretendendo demonstrar a inabilidade dos governantes atingidos. No tocante a Inglaterra, as invasões ocorridas entre 1806 – 1807 no Rio da Prata, além de terem criado a urgência de uma renovação nas tropas

¹⁰² Ibid., p. 121.

¹⁰³ Ibid., p. 119.

¹⁰⁴ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 120.

bonaerenses (e com ela surge o regimento dos *Patricios*), foram tratadas pelos homens que a vivenciaram como prova maior de bravura e *patriotismo*, tendo servido de incentivo aos desejos separatistas que culminaram com a proclamação de independência. Já aos “tiranos” que propiciaram a “liberdade da terra”, podem ser vistos tanto como sendo os colonizadores espanhóis, quanto como a própria Junta presidida por Cisneros, outrora indicada por Alberdi como ilegítima e tirânica.

Beruti propõe que nenhum “*conpatriota*” pregue os olhos aquela noite, a fim de que possa celebrar a vitória, ao que todos concordam. Assim, a peça tem fim, mas não sem que antes o autor use um último discurso que mais parece dirigido aos espectadores e leitores de 1839, do que propriamente uma fala de Vieites em 1810:

*Tiranos! vosotros que no podeis contemplar la faz del Pueblo, sino con los ojos de la sospecha y del encono; vosotros que no conoceis el dulce imperio de una sonrisa ingenua de sus lábios – comeos de envidia y de desesperacion al contemplar el cuadro inefable de un gobierno que se confunde con familiaridad y con amor en los rangos del pueblo que le idolatra y que sabrá perecer por mantenerle!*¹⁰⁵

No decorrer dos dois atos o “*pueblo*” foi retratado como um organismo que desprezava o autoritarismo e a tirania, como uma massa uniforme, valente e consciente de seus direitos e deveres. Na última fala, porém, esse mesmo “*pueblo*” aparece perfeitamente capaz de se deixar enganar por um governante indigno. Ora, não fora este o propósito maior dos personagens da peça *La Revolución de Mayo*: demonstrar a insatisfação do “povo” para com os “tiranos” e promover a “liberdade”, “igualdade” e “fraternidade” entre os “*pueblos americanos*”? Então, por qual motivo, na última fala, era exibido ao “povo” um horizonte de expectativas onde os princípios revolucionários poderiam não vingar?

Alberdi fez uso de um importante personagem histórico para ratificar no “*pueblo*” a ideia de que o embrião do sistema republicano platino fora semeado concomitantemente ao processo de independência das antigas colônias hispânicas e, portanto, deveria ser respeitado como um patrimônio daquela cultura, a fim de evitar que a tirania se sobrepusesse a democracia. Ele conferiu um papel de

¹⁰⁵ Ibid. p. 124.

destaque à participação do “*pueblo*” nas tramas políticas ao narrar a história do início das lutas pela independência, independentemente do anacronismo e da imprecisão histórica decorrente disso, e com as quais Alberdi naturalmente não se preocupava. Ao dirigir-se à pluralidade de “*pueblos*” existente em 1839, o autor pretendeu demonstrar que cabia, também, àqueles segmentos sociais a responsabilidade de combater governantes que não honrassem os ideais revolucionários de 1810.

Ao mesmo tempo em que fazia menção a uma *distinção* entre os “povos” que habitavam as cercanias do Rio da Prata e da Banda Oriental, esta categorização pluralizada empregada por Alberdi, servia como um convite à *congregação* de forças afins que pudessem lutar pela permanência de uma sociedade republicana que respeitasse as vontades e liberdades de seus *cidadanos*, tal qual figurava nos planos do autor. Nesse contexto, a dedicatória aos *Farrapos* pode ser entendida como parte desse movimento de coligar diferentes “*pueblos*” em prol de uma causa maior, que seria benéfica a todos: a república.

3.4

Farrapos Republicanos

A região dos pampas ao sul do Brasil foi relegada a um povoamento tardio, o que abriu espaço para, entre outras surpresas, a organização de um exército guarani, aos moldes espanhóis, que lutou contra os bandeirantes paulistas e auxiliou alguns povoados platinos. A partir da colonização portuguesa em Sacramento, ocorre o aumento do território habitado, estendendo-se ao Rio Uruguai, formando os “Sete Povos”, na província de Rio Grande de São Pedro, que hoje conhecemos como Rio Grande do Sul (fundado oficialmente em 1737).

Localizado em uma delicada posição fronteiriça, campo de incontáveis disputas luso-hispânicas, ponto estratégico para o comércio português, a província do Rio Grande foi paulatinamente ganhando destaque no período colonial, em

função do aumento populacional e da formação de estâncias que logo impulsionariam a economia da região, ainda no século XVIII. De acordo com Cesar Augusto B. Guazzelli, “havia uma relação ambígua entre as autoridades centrais e os comandantes-estancieiros (...): se eles causavam preocupações, eram também aqueles que podiam mobilizar tropas para a defesa do território ou ampliação do mesmo”¹⁰⁶ e, nesse contexto, ocorreu uma empreitada pela anexação da Banda Oriental como *Província Cisplatina*.

Como já foi dito, o território que hoje conhecemos como o Uruguai experimentou inúmeros conflitos armados, tendo sido anexado através da campanha de 1811, depois lutou pela independência em começos da década de 1820, viu-se liberto em 1828, e viveu uma série de embates internos, com a pressão de uma invasão por parte de Rosas. O vínculo entre a Banda Oriental e o Brasil levou à corroboração de uma “identidade oriental”, na medida em que outras identidades como a brasileira ou portuguesa eram negadas¹⁰⁷.

De modo geral, o país não teria muitos recursos para intervir na rebelião que ocorria do outro lado da fronteira com o Brasil, mesmo porque não seria sensato ter como inimigo um Império do qual pouco tempo antes fizera parte. É evidente que para a existência de um aparato militar complexo e minimamente atuante, é imprescindível que a sociedade esteja organizada em torno de um Estado que coordene tais elementos. A Banda Oriental carecia de uma militarização nesse sentido e, por isso, contava com forças armadas locais que ganhavam destaque a partir da ascensão de lideranças regionais, como foi o caso do *caudillo* José Artigas.

Naquela época, o cenário militar que buscava consolidar a independência Oriental era protagonizado por Juan Lavalle e Fructoso Rivera. O primeiro era amigo e compadre de Bento Gonçalves, ao passo que o segundo mantinha relações estreitas com Bento Manuel e Sebastião Barreto. Eduardo Scheidt também destaca a influencia dos ideais políticos presentes na região do Prata naquele momento, uma vez que

¹⁰⁶ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província: a República Rio-Grandense e os caudillos do Rio da Prata (1835-1845)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 120 - 135.

¹⁰⁷ PIMENTA, João Paulo. *Província Oriental, Cisplatina, Uruguai: elementos para uma História da identidade Oriental (1808 – 1828)*. *Op Cit.* p. 48.

Nas campanhas contra Artigas, os contatos entre as tropas proporcionaram a adesão de muitos riograndenses ao republicanismo federalista daquele. As relações entre líderes rio-grandenses e rioplatenses, como as de Bento Gonçalves e Lavalleja e Bento Manuel com Rivera, também proporcionaram intercâmbios de ideias políticas.¹⁰⁸

Nos anos 1820, havia forte contato entre ambas as organizações armadas, uma vez que os chefes orientais mantinham insistentes contatos buscando apoio na luta contra tropas do Império. É válido pontuar que as fronteiras entre o Rio Grande e a Cisplatina eram porosas, na medida em que diversos fazendeiros, do lado brasileiro, estendiam suas propriedades ou mesmo arrendavam terras em território uruguaio, e vice-versa.

Com a independência da Banda Oriental, tiveram início alguns conflitos entre o governo brasileiro e os sulinos, pois a “guerra, com suas motivações políticas, teve sempre por detrás os anseios dos militares-estancieiros, que mobilizaram-se mais uma vez na defesa da Pátria e dos seus próprio interesses”¹⁰⁹. Na esteira de constantes desentendimentos, envolvendo questões de ordem fronteiriças e disputas por terras e gados, as tensões transformaram-se em rebeliões e, em pouco tempo, eclodiu a Revolução Farroupilha (1835-1845). Normalmente ela é apontada pela historiografia tradicional como decorrente de uma crise na economia gaúcha por conta das altas taxas impostas aos fazendeiros. O movimento teve repercussão em várias partes do Império sendo, por exemplo, publicado no Rio de Janeiro, em princípios da década de 1830, periódicos especificamente para a temática da revolução, como o *Jurujuba* e o *Matraca dos Farroupilhas*.

No tocante às notícias que circulavam à época com informações sobre os conflitos no Império, é válido trazer como exemplo o seguinte caso. Na seção de “assuntos estrangeiros” do *El Nacional*, é apresentado um relato de autoria anônima que dá conta de algum nível de participação, ou melhor, de interferência por parte dos *Orientales* nos negócios da guerra civil vizinha:

Noticias extranjeras. Rio grande. Al Ministro de Marina Imperial. 12 de junio. Entre media noche y el Alba del 29 de junio, los rebeldes abandonaron sus posiciones en Itapoam y punta de Junco, pudiendo á beneficio de una fuente niebla retirar un lanchon que habian armado debajo de sus baterias. Seguí trás de el en la barca de vapor

¹⁰⁸ SCHEIDT, Eduardo. Concepções de “República” nos países do Prata na época do regime de Rosas (1829-1852). In: *Anais Eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC* – 1998. ISBN 85-903587-3-9 www.anphlac.cjb.net, p. 7

¹⁰⁹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província*. op. cit, p. 147 et. seq.

Cassiopea examinaedo con cuidado toda la costa del Saco de Capivary, lugar donde me constaba que los otros lanchones enemigos estaban reunidos. Hallé en efecto un pequeño arroyo, donde ellos estaban escindidos, sin poderlos ver sin embargo, desde mi ballera, y estando el bosque ocupado por la infantería enemiga, vi que nada podía hacer sin fuerza de tierra. Mandé al teniente 1º Juan Ricardo Coelho de Aberu, con cuatro cañoneras para bloquearlos, y volvi para Puerto Alegre para consultar con el General, y de acuerdo con El aguardo una fuerza de aqui para destruir de una vez estos piratas – Pascual de Grenfell.¹¹⁰

Nos primeiros anos do governo revolucionário, a “*república*” era antes um ideal de “liberdade” do que propriamente uma forma de governo. Tal qual aparece na peça de Alberdi, “*república*” e “*revolução*” parecem ideias indissociáveis. Nos anos finais da Farroupilha, a partir de 1840, tal caráter muda ao restringir a liberdade e promover o início de um debate acerca das formas de representatividade do “povo” no governo.

Ao longo do processo da Revolução Farroupilha, seus líderes buscaram apoio ora nos *blancos* e *federales*, através de Oribe e Rosas, ora com os *colorados unitarios* de Rivera. Essa dança girava mais em função das necessidades comerciais e da estrutura que eles precisavam para prosseguir com a guerra, do que por afinidades programáticas políticas, até porque, em dados momentos e no calor dos debates, as divergências políticas entre aqueles grupos seriam facilmente contornáveis, em termos teóricos. Cesar Guazzelli periodiza a Farroupilha em três etapas: a primeira, de 1836 a fins de 1839, marca o período de tentativa de acordo com a Confederação (Argentina), ao que Rosas impõe uma aliança para derrubar Rivera; a segunda vai até o final de 1842, e marca a aliança com os *colorados* (e, portanto, com Rivera) e uma aproximação com o Paraguai. A terceira tem fim com o acordo de paz em Ponche Verde, e define um momento mais silencioso, no qual os farrapos evitavam muitas batalhas, em função de estarem com as frentes de luta debilitadas. O fator decisivo para que o Império concentrasse suas forças para reprimir a rebelião, residia no temor do aumento do poderio de Rosas e, também, pelo alastramento dos ideais republicanos, que poderiam comprometer a integridade da monarquia, influenciando outras províncias¹¹¹.

Como já foi dito anteriormente, *La Revolución* foi publicada em Montevideu e dedicada a um grupo de brasileiros que pretendia tornar-se

¹¹⁰ *El Nacional*, 26 de Agosto de 1839, p. 2. Exemplar disponível para consulta no arquivo da Biblioteca Nacional da Argentina.

¹¹¹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *O horizonte da província*. op. cit, p. 403.

independente com a criação de uma república no sul do país. É ao longo do texto introdutório à peça, a dedicatória, que a noção de “república” surge de maneira mais clara.

3.5

“A los republicanos del Rio Grande”

Conforme já foi exposto, o jovem Alberdi retratou a *revolución* de Maio de maneira propedêutica, dotando-a de um significado introdutório, um prelúdio à onda revolucionária que teria lugar em toda América Hispânica. Este pensamento deve-se tanto pela expectativa dos revolucionários bonaerenses de 1810, quanto pela experiência adquirida ao longo dos 29 anos que separam o evento relatado na peça e a dedicatória que precede seu texto. Nas primeiras décadas revolucionárias, inúmeros intelectuais colaboraram, através do trabalho divulgado na imprensa, para a constituição de um imaginário popular acerca dos atos “heroicos” de outrora.

A experiência republicana rio-grandense parece sensibilizar Alberdi na perspectiva de pensar um processo republicano ainda em formação, não só ideologicamente, mas também empiricamente, no sentido de tornar-se algo, de fato, tangível. Tal qual os portenhos de 1810, os farroupilhas de 1839 valeram-se de uma revolução para provocar uma ruptura e instituir um governo republicano e independente. Essa proximidade é o que basta para tomar um texto, *a priori* de cunho nacionalista, como um pretexto para divulgar a Revolução de Maio e os ideais nela imbuídos.

Alberdi acredita que a história da revolução de seu país possa inspirar a república dos *farrapos*, como é perceptível nas palavras postas ao final da dedicatória: “*Para que tengais un espejo en que miraros, aunque confusamente, os he querido dedicar estos recuerdos imperfectos de nuestra revolucion de Mayo, que me ha gustado denominar crónica dramática*”. No tocante à história como exemplo, há nesse trecho um tom similar ao dos dois atos da peça, utilizando fatos passados como modelos para o futuro. Além disso, o autor

justifica a escolha do “drama” como estilo narrativo mais adequado para apresentar os acontecimentos de Maio de 1810, no qual o porvir vitorioso também é apontado:

*Ni el arte ni el talento se encuentran para nada, como lo notareis facilmente, en este repertorio indigesto de nombres, de principios, de sucesos, de recuerdos y votos, mitad históricos, mitad fantásticos, pero elevados todos, que he creído debían ofrecer mas de una analogía con los de la nueva revolucion (...) podiais encontrar si gustabais, un estímulo, un consuelo, y un dechado del papel, que por idénticos hechos, os está reservado en los tiempos que van suceder á los presentes.*¹¹²

O autor inicia seu discurso aos “republicanos do Rio Grande” afirmando que quando soube da proclamação de uma república em “uma extremidade do Brasil”, teve a certeza da dissolução do Império. Alguns anos mais tarde, quando de sua passagem pela Corte brasileira, escreveu em seu diário uma perspectiva comparada entre nossos costumes monárquicos e o republicanismo bonaerense: “*La monarquía en América! Qué mejor desmentido contra la posibilidad de su existencia, que lo que se vé aqui?*”¹¹³.

Na dedicatória encontram-se em suas palavras as críticas feitas por outros intelectuais (dos quais ele não cita nomes) à experiência republicana da Farroupilha: “*Muchas veces he oido despues anunciar la pérdida de la revolución del Rio Grande, porque no tenia cabezas fuertes que la presidieran (...), porque no poseia una fórmula clara de sus miras y principios*”¹¹⁴. Para ele a experiência de quase trinta anos de revoluções, em diversos países hispano-americanos, era o suficiente para valer não só como exemplo, mas igualmente como apoio e, por isso, as opiniões pejorativas que, vez ou outra, figuravam nas páginas dos periódicos montevidéanos deveriam ser combatidas.

Além disso, como já foi dito anteriormente, a Revolução de 1810 não era encarada como um fato isolado, mas sim como um movimento universal, regido por uma “*dinámica supranacional*”¹¹⁵, portanto, seria natural que ela se espalhasse e influenciasse outras revoluções americanas. Pois, como Alberdi escrevera dois anos antes, a causa “*que ha dado a luz todas las repúblicas de las dos Américas; la causa que ha producido la Revolución Francesa, y la próxima*

¹¹² ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 17.

¹¹³ Id., *Escritos Póstumos*, tomo XVI, op. cit. p. 16.

¹¹⁴ Id., *La Revolución*, op. cit. p. 11.

¹¹⁵ HERRERO, Alejandro. op. cit. p. 76.

que hoy amaga a la Europa, no es otra que esta eterna impulsión progresiva de la humanidad”¹¹⁶. Dessa forma, os gaúchos¹¹⁷ estavam tão somente exercendo seu caminho natural rumo ao progresso e, por isso mesmo, não deveriam ser alvo de tamanhas críticas, principalmente por outras Repúblicas Americanas que viam este movimento passar “*con un silencio indiferente y desdenhoso*”¹¹⁸.

O texto da dedicatória novamente traz a tona o debate que o acompanharia durante anos ao citar as discussões entre federalismo e unitarismo, ressaltando a importância desse tema para o autor¹¹⁹:

*La cuestion es de centralizacion o descentralizacion, de unidad indivisible ó de unidad múltipla; la cuestion es de forma, en una palabra, no de fondo; constitucional y no social, de organizacion, no de derecho. Hallar la fórmula constitucional de las nuevas Repúblicas de América: - hé aqui el problema político del nuevo mundo.*¹²⁰

Se a constituição e a legitimidade de um governo republicano foram alvos de inúmeras obras de Alberdi, esta dedicatória tem como eixo dois temas: primeiro, a “República” enquanto ideal e, segundo, a “Revolução” como portadora da “Liberdade”. O ideal republicano não estaria destinado a vencer de olhos fechados ou guiado pelos céus, assim como “a ciência não é mais luminosa do que a paixão” e para que a “liberdade” e a “igualdade” triunfem é necessária a ação dos homens em seu tempo, o que ocorreria através da “revolução”.

O termo ‘república’ é retratado, então, como um antônimo ao termo ‘monarquia’: “*He podido distinguir dos clases de opositores á la República naciente: - los hombres de la monarquía, y los renegados ó desesperados del sistema de la igualdad de clases*”¹²¹. A “república” ao qual o autor se refere é a rio-grandense, que gerou um comportamento hostil por parte dos monarquistas brasileiros, uma vez que as demais repúblicas americanas são citadas junto à experiência de décadas. Quanto à “igualdade de classes”, da qual, de acordo com

¹¹⁶ ALBERDI, Juan Bautista. *Discurso de Abertura*, op. cit, p. 262.

¹¹⁷ A proximidade cultural revela-se também nesta denominação. *Gauchos* são os homens dos pampas, com trajes rústicos, parte do desenho geográfico que é similar em partes do território do Brasil, Argentina e Uruguai (usando os atuais nomes destes países). Ver: DONGHI, Tulio Halperin. *Una nación para el desierto argentino*. op. cit.

¹¹⁸ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 11.

¹¹⁹ Nesse sentido, como aponta Botana, Alberdi sofre grande influência do *Espírito das Leis*, de Montesquieu. Ver: BOTANA, Natalio R. *La tradición republicana*, op. cit., p. 299.

¹²⁰ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 13.

¹²¹ *Ibid.*, p. 12.

Alberdi, alguns outros opositores sentiam-se excluídos, pode-se inferir que está relacionada à vertente saintsimoniana presente no pensamento alberdiano ¹²².

Os opositores da “república” seriam, portanto, não somente os monarquistas, mas também aqueles que eram igualmente contrários às ideias de liberdade e igualdade entre os homens. Para o autor, essa aversão dos monarquistas seria condizente com o dever que estes tinham para com sua própria ideologia, uma vez que eles “*se mostraban lógicos á lo menos combatiendo el principio contrario al profesado por ellos*”. Já a “segunda classe de opositores” foi considerada mais grave, pois, perceberam a experiência republicana na América de modo pejorativo, sob o argumento de que mesmo após trinta anos não se alcançaram os “frutos prometidos”, sem levar em conta que uma “revolução traz irremediavelmente alguns transtornos” ¹²³.

Dessa forma, seria preciso mudar o pensamento e a vontade da população, a fim de resultar a ‘república’ em um ideal comum, tangível através da “revolução”. É fundamental ter em mente que o texto foi produzido para a população não letrada, como afirma o próprio autor no prefácio da peça, afinal, a fórmula exposta é bastante simples: a “monarquia” é ruim e a “república” boa:

No está en la monarquía el remedio, sino el mal. Ni está en la república el escollo, sino en la mala organizacion de la república. Para salvarla, no es menester matarla, sino darla la forma adecuada en que su vida quiere desarrollarse. La cuestion no es de monarquía y de república: en América no cabe cuestion sobre este punto. (...) Hallar la fórmula constitucionl de las nuevas Repúblicas de América: - hé aquí el problema político del nuevo mundo. ¹²⁴

Ao longo do texto, não há uma definição precisa de como essa “república” poderia ser implementada e quais elementos e ideais ela traria consigo. Tão somente há a certeza de que a ‘monarquia’ era um mal cuja cura residia na ‘república’, ainda que sobre esta não houvesse consenso, conformidade ou mesmo um projeto político. Em contrapartida, mesmo depois de ter descoberto uma possível fórmula (ou uma república possível) através do completo estudo que

¹²² Esse aspecto da obra de Alberdi foi apontado por diversos estudiosos do tema. Por exemplo, ver: HERRERO, Alejandro. *Op. Cit*; PALTÍ, Elías. *Momento Romántico*, op. cit.; CORIOLANO, Alberini. op. cit.

¹²³ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 12.

¹²⁴ *Ibid.* p. 13.

resultou nas *Bases y puntos de partida*, Alberdi chega à maturidade com uma concepção bastante diferente acerca das formas de governo.

Para o jovem Alberdi de 1838, a “monarquia” deveria ser execrada em prol do ideário republicano e o que deveria ser discutido a partir disso gira em torno da centralização ou descentralização, da unidade indivisível ou múltipla. Naquele momento a questão era de “*forma, en una palabra, no de fondo; constitucional y no social, de organizacion, no de derecho*”¹²⁵, ou seja, na esteira de etapas contrárias as das revoluções estrangeiras (européia e norte-americana), de acordo com Alberdi, seria preciso primeiro organizar a disposição das liberdades e direitos civis para depois adequar a população ao sistema republicano.

Por esse motivo era tão natural para ele que os gaúchos brasileiros se revoltassem e instituíssem uma “república”, ainda que não estivessem teórica e empiricamente preparados para tal feito. “*Es decir que la República, como el gallo que una vez la ha simbolizado, se levanta siempre antes del día*”. Da mesma forma, Alberdi afirma que a insurreição no Rio Grande manifesta “um passo a mais na revolução americana”, que teve início em 1776, com a promulgação da Declaração de Independência dos Estados Unidos e faz parte da “revolução de um Mundo”.

Isto porque, de acordo com as concepções historicistas de Alberdi, os eventos históricos se davam de modo processual, e nesse ínterim, a Revolução de 1810 fazia parte de um processo iniciado com a Revolução Americana (estadunidense), que levaria a humanidade a um estágio superior de evolução¹²⁶. Afinal, como ele disse alguns anos depois: *El nuevo mundo, teatro espléndido del porvenir de la libertad humana, pátria nativa de la república universal, nada tiene que temer de un suelo monarquía, (...) lejos de influenciarnos con su ejemplo caduco.*¹²⁷

Além de prestigiar a atitude dos revoltosos, a dedicatória parece, em dados momentos, um panfleto contra a política rosista. Algumas palavras parecem dirigidas ao governador de Buenos Aires que, num primeiro momento, a fim de

¹²⁵ Ibid., p. 13.

¹²⁶ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 14. O galo, símbolo francês desde os tempos em que estes eram *gauleses*, foi utilizado para representar também a república, tendo tomado tal acepção a partir da Revolução Francesa. Já no tocante ao processo de evolução da humanidade, estas ideias estão presentes também no “Discurso” de abertura do *Salon Literário*.

¹²⁷ Id., *Escritos Póstumos*, volume XIII, op. cit. p. 38.

não entrar em conflito com o Império, não reconheceu a república Rio-Grandense, embora esta tenha levantado a bandeira dos *federales*: “*Verguenza es y culpa inescusable para los gobiernos americanos, que hayan presenciado la exaltacion de una República en el seno de un Imperio con indiferencia tan triste*”¹²⁸. A dedicatória da peça conta com outro interessante elemento, levando-se em conta aquele contexto: o “patriotismo”.

O termo aparece no texto quando o autor argumenta acerca da necessidade de os demais governos americanos reconhecerem a “república nascente”, a “*República hermana*”, pois afora isso, caberia a “Europa monárquica fazê-lo”¹²⁹. A ideia de pertencimento vinculado à “*patria*”, tal qual usado para fazer menção ao local de nascimento de determinado sujeito, dota o adjetivo “patriotismo” do significado de “aquele que ama o lugar onde nasceu”¹³⁰. Dessa forma, os nascidos na América, especialmente na porção sul do continente, em função de fazerem parte de um território comum, com especificidades particulares, deveriam, segundo Alberdi, receber a revolução dos farrapos com o maior entusiasmo possível.

Não agrada ao jovem tucumano a ideia de que uma república tão próxima (ao menos geograficamente) deva erguer-se sozinha, aparentemente lidando com a indiferença a seu redor, isso seria desonroso “*habiendo podido ser poco antes un tributo de patriotismo y de desprendimiento americano*”¹³¹. Essas colocações são no mínimo curiosas, pois, como já foi dito, os farroupilhas tiveram apoio, em diferentes momentos, tanto de paraguaios, quanto de uruguaios e portenhos. De fato, a peça foi escrita quando ainda estavam sendo feitas as primeiras negociações entre os revoltosos do Rio Grande e as forças imperiais. Tais dados podem apontar a existência de um debate, entre os intelectuais presentes na “nova Tróia”, em torno do suporte a ser dado à república nascente.

De todo modo, fica claro que, para o autor, a “república” é um elemento novo na história da *América del Sur*, uma experiência única, cujos erros e acertos devem ser compartilhados entre aqueles que nela se lançam. Alberdi, como homem de seu tempo, estava imerso nos ideais revolucionários herdados do

¹²⁸ Id., *La Revolución*, op. cit. p. 15.

¹²⁹ Ibid. p. 16.

¹³⁰ De acordo com o *Diccionario* da RAE, a primeira aparição deste verbete ocorre na quarta edição de 1808, como “*el amor de la Patria. Patrius amor, in patriam pietas*”, p. 925. A mesma descrição corresponde a edição de 1843.

¹³¹ ALBERDI, Juan Bautista. *La Revolución*, op. cit. p. 16

“velho mundo” do século anterior: as expressões ‘liberdade’ e ‘igualdade’ aparecem em profusão, ao passo que a noção de ‘fraternidade’ está implícita nos apelos de comunhão entre os “povos americanos”. Há também uma citação substantiva que demonstra parte do ideal republicano professado por Alberdi:

*Últimos y gloriosos descendientes de Bolívar y Belgrano: vosotros teneis entre las manos el desempeño de una tarea las mas elevada y digna que el cielo pueda encomendar alguna vez á los mortales. Estais dando á luz un pueblo, desbaratando cadenas que contaban siglos, sacando poblaciones enteras de la nada, elevando a la dignidad de hombres entes que la injusticia habia relegado en el fango, haciendo para que en lo videro nazcan iguales y libres los que segun los códigos del crimen debian nacer inferiores y esclavos, y ganando por recompensa de todo eso la inmortalidad en la memoria de los hombres, y una gloria inmarcesible para vuestros nombres ya famosos.*¹³²

A instituição de mais uma “república” faria parte do processo histórico que levaria a América, como um todo, ao progresso e à civilização, tornando-se um lugar mais justo, mais livre e com melhores condições de vida. Já nas últimas frases da dedicatória, Alberdi afirma que seu discurso faz parte de uma gama de opiniões similares que correm pelo Rio da Prata, especialmente nos “*corazones jóvenes de la República Argentina*”. Assim, ele deixa a sugestão de que o apoio à causa revolucionária, republicana e farroupilha, era consensual, a despeito de os governos bonaerense e montevideano, em virtude das disputas políticas, não apoiarem os *farrapos* oficialmente.

¹³² Ibid. p. 16 et. seq.